

**ABRIL 2021**  
VOLUME 74, n. 1

# REVISTA TEOLÓGICA



Seminário Presbiteriano do Sul

# REVISTA TEOLÓGICA

Campinas - v. 74, n. 1 - abril 2021



Seminário Presbiteriano do Sul

Av. Brasil, 1200, Jardim Brasil  
Campinas - SP - 13073-148

# REVISTA TEOLÓGICA

**Editor Responsável:**

Me. Thiago Machado Silva (Seminário Presbiteriano do Sul)

**Conselho Editorial:**

Dr. Carl John Bosma  
(Calvin Theological Seminary, EUA)

Dr. Gerson Leite de Moraes  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie; SPS)

Dr. Ivanilson Bezerra da Silva  
(Seminário Presbiteriano do Sul)

Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa (Unicesumar)

Dr. João Leonel Ferreira  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie; SPS)

Dr. Jonathan Luis Hack  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Dr. John McClean  
(Christ College, Austrália)

**Informações**

A REVISTA TEOLÓGICA – é publicação semestral e oficial do Seminário Presbiteriano do Sul, conforme decisão da Junta Regional de Teologia do SPS, da Igreja Presbiteriana do Brasil. A REVISTA TEOLÓGICA tem como objetivo promover o pensamento bíblico e teológico, e ser um veículo de expressão pastoral e acadêmica.

**Submissão:**

A REVISTA TEOLÓGICA publica artigos em Português e Inglês. Os artigos e resenhas devem ser enviados por e-mail em arquivo de Word (.doc ou .docx), para o editor responsável, Thiago Machado Silva, no e-mail: thiagomsilva00@gmail.com.

Os textos do artigo devem ter entre 15 e 20 páginas, com entrelinha 1,5. O artigo deve ser digitado, no editor de textos Word, fonte Times New Roman, corpo 12, alinhamento justificado. Para as citações, serão usadas “autor, data, página” no corpo do texto. As notas de rodapé são somente explicativas. Citações com até 3 linhas devem ser incluídas no texto, entre aspas. Citações com mais de três linhas terão destaque, sendo recuadas em 4,0 cm, da esquerda para direita, com espaçamento simples e fonte tamanho 10, sem aspas. Após a entrega para avaliação não serão aceitas novas correções, no texto, por parte do autor.



Seminário Presbiteriano do Sul

© 2021 – Seminário Presbiteriano do Sul  
ISSN: 1414-9796

Os direitos de publicação desta revista são do Seminário Presbiteriano do Sul. Os textos publicados e os pontos de vista expressos nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição do Conselho Editorial. Permite-se a reprodução desde que citada a fonte.

## Editorial

---

Que privilégio ter e conhecer a Bíblia como Palavra inspirada de Deus: saber que Deus não se cala e que Ele falou. Em todas as áreas da teologia, o estudo das Escrituras deve ocupar lugar de destaque. Sendo assim, é uma alegria poder ler artigos e reflexões sobre a Palavra de Deus escritos por estudantes da Palavra. Neste novo número da Revista Teológica em formato eletrônico apenas, temos três artigos teológicos e duas resenhas, além das notícias internas do Seminário Presbiteriano do Sul escritas pelo diretor Carlos Henrique Machado e uma pastoral escrita por este editor.

O primeiro artigo, “*A Relação do Profeta Israelita com as Outras Nações: Uma Resposta à Max Weber*”, escrito por Marcelo Luiz Tavares, procura verificar a preocupação principal da atividade profética, segundo Max Weber, a perspectiva dos profetas em relação às outras nações, e como isso teria afetado sua relação com elas e todo seu ministério profético. O segundo artigo, “*A Arte Literária na Construção Missional da História do Povo de Deus*”, escrito por Carlos Roberto Miranda, analisa as estratégias missionais de persuasão referentes ao gênero literário dos relatos bíblicos utilizados para fins de convencimento do ouvinte ou leitor, além de apresentar os desafios de se interpretar a Bíblia como obra literária. O terceiro artigo, escrito pelo capelão do seminário Paulo Cesar Tomaz, reflete, baseado nas Escrituras Sagradas, sobre as qualidades e os desafios do líder cristão em seus mais variados aspectos.

Por fim, Tiago de Melo Novais nos apresenta não apenas a obra “*Aguardando o Rei*”, mas também o pensamento político de seu autor, James K. A. Smith. E Thiago Machado Silva escreve uma resenha em inglês da obra “*Reformed Catholicity*”.

Que você possa desfrutar, calmamente, dos textos aqui publicados, e assim crescer no conhecimento da Palavra de Deus.

Boa leitura!

**Thiago Machado Silva, editor.**



Seminário Presbiteriano do Sul

## ARTIGOS

- 1. A Relação do Profeta Israelita com as Outras Nações: Uma Resposta à Max Weber**  
Marcelo Luiz Tavares ..... 07
- 2. A Arte Literária na Construção Missional da História do Povo de Deus**  
Carlos Roberto Miranda ..... 27
- 3. Qualidades e Desafios do Líder Cristão**  
Paulo Cesar Tomaz ..... 44

## RESENHA

- 1. SMITH, James K. A. Aguardando o Rei: Reformando a Teologia Pública. São Paulo: Vida Nova, 2020. 256p.**  
Tiago de Melo Novais ..... 64
- 2. ALLEN, Michael; SWAIN, Scott R. Reformed Catholicity: The Promise of Retrieval Theology and Biblical Interpretation. Grand Rapids: Baker Academic, 2015. 168pp. (inglês)**  
Thiago Machado Silva ..... 73

## NOTÍCIAS INTERNAS

- 1. Palavra do Diretor**  
Carlos Henrique Machado ..... 78
- 2. Uma Pastoral**  
Thiago Machado Silva ..... 80

# ARTIGOS



Seminário Presbiteriano do Sul

# A RELAÇÃO DO PROFETA ISRAELITA COM AS OUTRAS NAÇÕES: UMA RESPOSTA À MAX WEBER

*Marcelo Luiz Tavares<sup>1</sup>*

## **Resumo**

Max Weber é um autor proeminente nas Ciências Sociais, o qual tem sido utilizado por diversos autores nos estudos no Antigo Testamento. Diante desta realidade, é necessário verificar-se em que pontos as contribuições de Max Weber estão de acordo com as Escrituras ou não. Portanto o presente artigo visa verificar a preocupação principal da atividade profética, segundo Max Weber, a perspectiva dos profetas em relação às outras nações, e como isso teria afetado sua relação com elas e todo seu ministério profético. Para isso será apresentado o que Max Weber diz sobre os profetas; qual a comparação que pode ser feita com outros autores de sua época e qual resposta a Teologia Bíblica pode dar hoje, relacionando esta discussão com a missão do povo de YHWH.

## **Palavras-chaves**

Profetas; Max Weber; Missão no Antigo Testamento; Escatologia do Antigo Testamento.

## **INTRODUÇÃO**

David Baker afirma que a discussão sobre os profetas tem deixado de seguir somente o relato bíblico, para procurar quem são eles e qual o seu lugar em seu contexto social, em especial “recent study has been informed by sociological readings of the text that have built on previous work by such thinkers as Max Weber” (BAKER; ARNOLD, 1999, p. 268). O mesmo reconhecimento é dado por Osborne, o qual atesta que a utilização da análise de Max Weber para o entendimento pano de fundo social das Escrituras (OSBORNE, 2009, p. 218).

Este reconhecimento de Weber por Osborne pode levar seus leitores a entender que a análise weberiana é coerente com as Escrituras e a Teologia Bíblica, pois, além disso, como Osborne não aponta nenhum erro weberiano, ao tratar sobre os problemas na abordagem sociológica na obra em questão, o leitor de Osborne pode ser levado a entender que a análise de Weber é uma referência aceitável ao teólogo bíblico, ou pastor.

---

<sup>1</sup> O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (2014) e mestrando em Estudos Bíblico-hermenêuticos pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (CPAJ). Também é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil e pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana de Rancharia, em Rancharia – SP.

Considerando o prestígio de Weber no meio acadêmico, principalmente nas ciências sociais e ciências da religião, faz-se necessário uma avaliação de sua obra, ao menos nos pontos principais. Caso a análise de Weber seja coerente com as Escrituras, certamente Weber poderá trazer nova luz ao nosso entendimento dos profetas, além de ser um auxílio ao discutir a importância das Escrituras no meio acadêmico, visto Weber ter o seu lugar cativo em certas áreas.

Porém, se sua análise for divergente delas, aqueles que discutem a teologia em meio acadêmico devem estar conscientes do que Weber fala, porque suas ideias podem ser presumidas por muitos autores e absorvidas acriticamente.

Além disto, a profecia é costumeiramente tratada como um modelo para o pregador cristão, a exemplo de Brueggemann, o qual procura aplicar o seu entendimento do ministério dos profetas à igreja local (2018, p. 115-119).

Portanto o objetivo do presente artigo será verificar o que Weber afirma sobre a função profética à luz de seu ponto principal para a compreensão da atividade profética israelita como um todo: a relação do profeta e Israel com as outras nações. Com esta finalidade, a discussão será apresentada em três divisões. Primeiramente, apresentarei o que Max Weber defende sobre a relação do profeta israelita com as outras nações e como isso influencia na função do profeta e seu ministério. Em segundo lugar, confrontarei Weber com outros autores de sua época ou próximos a ela (1888-1923), a fim de entender quais pontos são particulares a Weber e quais possibilidades de entendimento sobre o assunto poderiam estar disponíveis. Finalmente, apresentarei como a Teologia Bíblica pode responder ou concordar com Weber em nossos dias. Embora eu faça algumas breves relações com o Novo Testamento, elas não são a preocupação do presente trabalho, mas apenas servem de exemplo da validade desta discussão para a igreja atual.

## **A PERSPECTIVA WEBERIANA**

Quanto à função profética, Weber imagina Moisés como um *aisimneta*, uma pessoa chamada a “exercer seu cargo quando existem tensões sociais”, com o fim de superá-los (WEBER, 1991, p. 305).

Embora ressalte que apenas Moisés foi um *aisimneta*, ele afirma que todos os profetas estavam “interessados em problemas “político-sociais”” (WEBER, 1991, p. 305), profetizando contra a opressão, escravidão, subornos, parecendo tentar superar as tensões entre as classes sociais. “Mas não devemos desconhecer que para a profecia

israelita estas argumentações político-sociais são apenas meios para um fim. Seu interesse está, em primeiro lugar, na política externa como palco de ação de seu deus” (WEBER, 1991, p. 305).

Assim Weber relega a planos secundários quaisquer preocupações proféticas com a reforma social, fazendo o mesmo com o culto, já que entende que os profetas “were interested in ethics, not in cult” (WEBER, 1952, p. 299). Se em outra parte Weber defende que toda a relação dos profetas com os sacerdotes e mesmo toda a sua disposição quanto aos assuntos externos tinham uma motivação puramente religiosa, sem quaisquer elementos de cunho político (WEBER, 1952, p. 282) isso não representa uma contradição. Ao contrário, simplesmente quer dizer que Weber entende que os profetas têm uma motivação religiosa, mas agem sobre as questões político-sociais, por acreditarem que essas são as questões que interessam a YHWH:

Não são holocaustos o que o deus dos israelitas quer, mas obediência aos seus mandamentos [...] Por isso, há por toda parte tensões entre os profetas, seus adeptos leigos e os representantes da tradição sacerdotal e é uma questão de poder, condicionada também às vezes, como em Israel pela política externa (WEBER, 1999, p. 314).

Como parte desta disputa por poder estaria uma outra agenda, não sacerdotal, mas ainda assim religiosa, desprovida de ritualismos e centrada na ética. Porém isso não significa que Weber desconsiderasse as motivações dos profetas. Para ele, o profeta não é um profissional em busca de seguidores, mas alguém motivado pelo temor da ira divina executada contra Israel por meio das outras nações: “a injustiça, também a social, contrária ao espírito da lei mosaica, é considerada por ela [a profecia israelita] somente como motivo – como um dos motivos – da ira divina e não como base de um programa de reformas sociais” (WEBER, 1999, p. 305).

Esta preocupação com a situação internacional de Israel e Judá se explicaria por, apesar dos profetas proclamarem suas profecias por vontade própria,

the popular fear of war surged up to them with the question as to the reasons to God’s wrath, for means to win his favor, and the national hope of the future in general. Panic, rage, thirst of vengeance against the enemy, fear of death, mutilation, devastation, exile (even with Amos), enslavement, and the question whether it be correct to resist, submit to, or seek alliance Egypt or Assur, or Babel – all these agitated the people and reacted upon prophecy. The social unrest influenced the inner core of their representations, even when they appeared in public by their own volition (WEBER, 1952, p. 300).

Portanto Weber entende que o objetivo da profecia se encontra nas relações internacionais. Diante dessas relações, Weber parece trazer a ideia de que os profetas

suprem uma deficiência aparente do sacerdócio diante das tensões internas da comunidade, as quais o profeta tenta solucionar, para evitar que YHWH lance sua ira sobre o povo, por meio das outras nações. Assim o elemento psicológico teria uma influência poderosa sobre os profetas tanto como elemento motivacional, quanto em relação ao conteúdo de sua profecia, ainda que os profetas dissessem ouvir a voz de YHWH (WEBER, 1952, p. 295), pois o medo dessa ira divina seria a motivação básica do profeta.

Desta forma, a fidelidade à aliança com YHWH seria um simples ponto de superação das tensões internas da sociedade israelita, para que ela se seja preservada das nações inimigas. Por defender esta função conciliatória, é natural que Weber defenda que:

Tenha a profecia um caráter mais ético ou mais exemplar, a revelação profética significa sempre – e isto é o que todas têm em comum –, primeiro para o próprio profeta, e em seguida, para seus acólitos: uma visão homogênea da vida [...] A vida e o mundo, os acontecimentos sociais e cósmicos, têm para o profeta determinado “sentido”, sistematicamente homogêneo, e o comportamento dos homens, para lhes trazer salvação, tem de se orientar por ele e, sobre esta base, assumir uma forma coerente e cheia de significado. A estrutura deste “sentido” pode ser muito diversa e agregar numa unidade motivos que parecem logicamente heterogêneos, pois o que domina toda a concepção não é, em primeiro lugar, a consequência lógica mas as valorizações práticas [...] portanto, de coordenação do comportamento prático num *modo de viver* (WEBER, 1991, p. 310).

Esta concepção é natural, porque é necessária uma mesma concepção de vida, para superar as tensões das diferentes manifestações dos diversos atores e classes sociais. Como ela não pode ser uma consequência lógica das diversas crenças possivelmente conflitantes, ela é iminente prática, sendo assim capaz de trazer uma mesma direção prática para as diversas classes sociais, sem o risco de gerar tensões ao apresentar explicações teóricas.

Desta forma, o profeta não precisa tanto trazer explicações, quanto presumi-las, o que se encaixa perfeitamente na tarefa de superar tensões, já que as explicações podem ser questionadas e assim desafiadas, enquanto os mandamentos podem contar com a sensação de serem óbvios dada a orientação levita ser conhecida. Certamente, um modo de viver também pode ser questionado, ainda mais quando não se vê uma razão para adotá-lo, mas dizer “assim diz o SENHOR”, seria uma razão suficiente para quem se preocupa mais com “como viver?” do que “por que viver deste jeito?”.

Desta forma, a atividade profética é retratada como uma propaganda política de engajamento e união diante dos problemas externos, considerados mais preocupantes do

que os internos. Por trás disso tudo está a procura por uma vida de bem-estar em seu território, no qual atividade profética acaba tendo o mesmo propósito da mágica (WEBER, 1991, p. 279). Portanto Weber explica profecia mais pelo povo do que por YHWH, mais pelos interesses daquele do que deste, mais pelo bem-estar daquele do que pela glória deste, tendo o povo como finalidade da profecia, ao invés de YHWH.

Ampliando esta noção da universalidade da soberania divina, Weber sugere que a universalidade desta soberania é um produto da política internacional, a qual faria de YHWH um deus local do Monte Sinai, mas que atua à distância e se aproxima, quando necessário (WEBER, 1991, p. 288), “com a consequência de que também os feitos dos povos estrangeiros, que afetavam fortemente os interesses vitais de Israel, começaram a ser considerados feitos desse deus” (WEBER, 1991, p. 291).

Logo, como produto das relações internacionais, YHWH seria aquele que traz a unidade nacional, ao não dar outra opção aos israelitas. Pois, se até os feitos de seus inimigos são feitos de YHWH, não há razão para se buscar outra divindade, outras nações, ou outra agenda nacional (levando à fragmentação interna da nação). Então só resta permanecer com YHWH, a fim de que os feitos das nações estrangeiras não sejam punitivos.

Desta forma, a religião israelita é descrita por Weber como tendo uma preocupação utilitarista, haja vista que seu fim é prático, a saber, permanecer em tranquilidade e segurança tanto nas relações internas, quanto externas.

Apesar disso, ele ainda ressalta que as questões políticas externas não definem o conteúdo dos oráculos proféticos, pois hora os profetas exaltam a ação estrangeira, hora a condenam (WEBER, 1952, p. 274). Isso se explicaria pelos profetas não serem partidários políticos, sendo que “the state and its doings were, by themselves, of no interest to them. [...] Their question was absolutely religious, oriented toward the fulfillment of Yahwe’s commandments” (WEBER, 1952, p. 275).

Quanto às alianças políticas com outras nações, os profetas se voltavam contra elas, sobretudo porque competiam com a aliança com YHWH, ao retirar a confiança deste e coloca-la no auxílio humano (WEBER, 1952, p. 281). E, se os profetas, apesar de anunciar paz, falam de Israel e Judá punindo as nações, isso se deve por elas buscarem a YHWH ou não, no futuro, mesmo quando perto do fim escatológico.

Contra o desastre imaginado, a escatologia profética vislumbra um mundo idealizado, pacífico (WEBER, 1952, p. 321), para Israel, bem como o mundo todo e os animais selvagens (WEBER, 1952, p. 322), dos quais um remanescente que consertar

seus caminhos participará, mas não os pecadores obstinados (WEBER, 1952, p. 323). Desta forma, o Dia de YHWH seria um dia de juízo para as nações e pecadores, mas de luz e bem-aventurança para o remanescente (WEBER, 1952, p. 324). Além disso, “Israel would constitute a nation of Jerusalem patricians, other nations would be bondsmen and tributary peasants” (WEBER, 1952, p. 327).

No entanto, apesar de chamarem ao arrependimento para a participação deste Dia, o foco da proclamação profética não estava na resposta humana, mas em expor o que YHWH já tinha resolvido fazer (WEBER, 1952, p. 324). Por isso, nem sempre se esperaria a aceitação desta mensagem.

Porém mesmo a escatologia não está fora da função profética de superação de tensões, pois “only that prophecy which offered hope to all to see these passionate expectations still fulfilled during the lifetime could give religious cohesion to the politically destroyed community” (WEBER, 1952, p. 334).

Além disso, percebe-se que a salvação é entendida por Weber não em categorias metafísicas de vida pós morte, ou da realidade espiritual, mas da resolução da tensão internacional, pela qual uma nação pode ser escravizada ou oprimida por outra nação. Neste sentido, a relação do profeta com as outras nações é de conquista, não havendo nenhuma possibilidade de comunhão. Se as nações podem conquistar Israel no seu presente, no futuro será Israel que as dominará. Logo não há de fato uma solução das tensões, o que seria a paz e harmonia, mas um “virar o jogo”, fazendo com que Israel passe a ser o dominador. Certamente, Weber não deixa de falar do mundo pacífico profetizado, mas ainda assim, ele não vislumbra uma plena comunhão

Como relatado acima, Weber entendia que a resposta profética era tida como superior à sacerdotal. E ele destaca dois elementos: a pregação de cunho ético, que poderia ser facilmente seguida, que tinha alicerces na *Torah*, que poderia, de fato, minimizar algumas tensões sociais; e a escatologia que provia esperança com imagens que satisfaziam os anseios do povo, e que, como a pregação ética, não incluíam as questões complicadas e possivelmente divisionistas da metafísica.

Por fim, é preciso ressaltar o papel final do profeta. De acordo com Weber, o propósito último não está em YHWH, mas no povo do qual o profeta faz parte. Embora ele ouça a voz de YHWH, ou pense fazê-lo, é ao povo aflito que está seu interesse maior, bem como de sua função profética.

Portanto Weber concebe o profeta como alguém que procura superar as tensões internas de Israel, com vistas a não serem afligidos por YHWH, por meio das nações

estrangeiras. Isso ocorre através da pregação ética, sem preocupações metafísicas, ou em relação ao culto, mas que ainda assim entende YHWH como alguém que busca a soberania sobre toda a criação.

### **A PERSPECTIVA DE OUTROS AUTORES DA ÉPOCA DE WEBER**

Diante da ameaça de outras nações, pelo decreto de YHWH, Pollard afirma que a resposta exigida por YHWH por meio de Habacuque é a confiança nele (1904, p. 50). Deste modo, aos que perderam a confiança na ordem moral de YHWH sobre o mundo e a história, Habacuque parece dizer:

God can be trusted. In all the perplexing moral problems that arise in the manifold experiences of men and nations, the Almighty is worthy of all confidence. His government is not hopelessly deranged even when it seems most so. His hand is on the helm (POLLARD, 1904, p. 52)

Logo mesmo que o caos pareça imperar sem punição, YHWH irá vencê-lo e salvar o justo que confia em YHWH, o que contrasta o justo com aqueles que confiam em si mesmos (POLLARD, 1904, p. 53). Deste modo toda a vida e segurança do justo contra o pecado e as aflições que sobrevêm das nações vizinhas, toda a sua vida, depende da sua confiança em YHWH, conforme Hb 2.4.

Portanto Pollard concorda com Weber, pois para ambos a confiança em YHWH é crucial para a salvação do justo diante das potências internacionais, sendo pecado confiar em outras nações ou em sua própria capacidade, pois YHWH é soberano mesmo em relação às outras nações.

Concordando com Pollard, Fullerton destaca que Isaías teria pregado contra a aliança com o Egito proposta por um grupo antiassírio (1922, p. 47). Isso coaduna com Weber, quando este afirma que os profetas falavam contra as alianças internacionais como escapatória para os problemas internacionais.

Porém, se Weber enfatiza a salvação nacional como propaganda profética, por outro lado, Fullerton defende

The doctrine of the inviolability of Zion which is preached in these prophecies is the doctrine preached by those great exponents of nationalism, the uncanonical prophets, in other words, the doctrine which Jeremiah spent the greater part of his life in opposing (1922, p. 52).

Portanto, embora a busca por alianças externas seja um fator comum entre Fullerton e Weber, o nacionalismo profético é um diferencial weberiano. Ao contrário desta perspectiva, Fullerton parece acreditar que o foco dos profetas era colocar-se contra

qualquer forma de agenda que não a de YHWH, isso às vezes à favor da nação, às vezes contra.

Contra Weber, Schmidt acusa que a tentativa de enfatizar aspectos éticos e os ataques às alianças externas faria com que se passasse por cima dos aspectos adivinhatório e político (1922, p. 104). Mas, ainda assim, considera a questão ética como primordial na escatologia judaica (1922, p. 114).

Neste sentido Mitchell considera a justiça uma ênfase dentre os atributos divinos na profecia de Jeremias, seja esta justiça como parte do ser de YHWH, seja em sua relação com seu povo, em favor dos oprimidos (1901, p. 60). Certamente, esta justiça divina requer obediência e imitação por parte dos juízes do povo, refletindo a pessoa justa de YHWH. Porém esta justiça possui paciência, para que os ímpios se arrependam e encontrem a misericórdia de YHWH (MITCHELL, 1901, p. 62)

Esta justiça, paciência e misericórdia são explicadas por Mitchell como parte de um relacionamento de aliança, o qual Jeremias teria como o maior bem desejável ao homem:

The ideal relation between two beings such as God and man are represented by Jeremiah, is easily imagined. Yahweh, on his part, since he is good as well as righteous, cannot but employ the infinite resources both of his power and his wisdom for the welfare of his creature; while man, on his part, must render to his Creator and Benefactor *exclusive reverence* and *unqualified submission* (1901, p. 64).

Portanto Mitchell concebe a ética como parte de um relacionamento maior, de aliança, na qual o bem-estar do ser humano está em vista, o que se assemelha à visão de Weber sobre a aliança. Porém Mitchell difere dele, pois, se para Weber a aliança não tem um fato preponderante, a não ser como forma de superação das tensões internas, a fim de atingir o bem-estar social, para Mitchell ela tem uma ênfase primordial na teologia de Jeremias como o sumo bem.

Segundo Mitchell, “by a return to Yahweh Jeremiah meant the restoration of the ideal relation of man, especially the Hebrew, to his God; which, as has already been shown, involved, in the first place, the recognition of Yahweh as the exclusive object of worship” (1901, p. 68). Por isso Jeremias fala contra a idolatria. Porque a adoração e idolatria são uma porta de entrada para a ética: “With the worship they had adopted the morality, or, more correctly, the immorality, of their neighbors” (MITCHELL, 1901, p. 65).

Então podemos ver que Mitchell concebe a motivação profética de modo radicalmente oposto a Weber. Pois se Weber parece conceber YHWH como um meio para o bem-estar social na motivação profética, Mitchell, em contraposição, concebe YHWH como o sumo bem, o alvo final do ofício profético de Jeremias. Enquanto Weber vê a ética como tema primordial da profecia, Mitchell vê o chamado ao relacionamento com YHWH, ao qual nos voltamos por meio da adoração exclusiva a ele, o que por sua vez molda nossa ética. Portanto é possível pressupor que para Mitchell o culto não é algo desprezado pelos profetas.

Ainda assim no que se refere a alguns aspectos éticos, Mitchell poderia concordar com Weber, pois ele afirma que Jeremias conclamou o rei Zedequias a proteger os órfãos e oprimidos de seus opressores e que, com a observância destes preceitos, o favor e a bênção de YHWH viriam (1901, p. 71). Por isso, a superação de tensões internas, para que o favor de YHWH venha aos interlocutores do profeta, tão típica da argumentação de Weber, não seria estranha a Mitchell.

Embora Cobb pareça se aproximar de Weber, quando afirma um certo favoritismo de YHWH por Israel, ele acrescenta um ponto que faz com que ele se distancie completamente de Weber:

Isaiah, as both statesman and prophet, would seek to turn this rising tide of patriotism into nobler channels than those of hatred and exclusiveness. [...] "It is true we are the grandest nation on earth, but only because God has chosen us. And why? That we might carry his salvation to the ends of the world." (1901, p. 85).

Portanto Cobb afirma que Israel é o povo escolhido por YHWH, mas para levar o conhecimento de YHWH a todas as nações. Além disso, Cobb entende que Abraão está ligado a Israel, segundo a mentalidade oriental dos tempos de Abraão, de acordo com a qual a vida de Abraão seria estendida na sua descendência e que, portanto, como Servo de YHWH, Israel tem como propósito divino levar a *Torah* a todas as nações (1901, p. 86). Isso parece implicar que a promessa de Gn 12.1-3 está em vista.

Concordando com Mitchell, Cobb também enfatiza a adoração (concordando com Mitchell), a qual deve ser levada conjuntamente com o conhecimento de YHWH a todas as nações:

The call of Abraham, which made him the original and typical servant of Jahveh, was not only a call to service, but an election which marked him out, and his race in him, as worshippers of Jahveh. The promise accompanying the call, that in him all the nations of the earth should be blessed, points to the nature of the service, namely, the diffusion throughout the world of the knowledge and worship of the true God. (See Neh. i. 6, n, already cited.) This

was the mission of Abraham's seed, and the author of Isa. xl.-lxvi (1895, p. 103).

Portanto, diferentemente de Weber, o qual entendia a relação do profeta israelita com as outras nações como uma relação que tinha como foco o povo de Israel, Cobb inverte a relação, de modo a fazer de Israel um povo que vive com YHWH, mas não somente com vistas a si mesmo, mas também para além de si mesmo, com vistas à inclusão das outras nações. Desta forma, conforme a perspectiva de Mitchell acima, as nações participariam da adoração, da ética e de um novo relacionamento com YHWH. Isto implica que o fim último da profecia se liga à honra e adoração dadas a YHWH e o relacionamento com ele. Deste modo, YHWH é o fim último do ofício profético, não Israel, como postulou Weber.

De fato, Cobb defende que os oráculos proféticos sejam de juízo ou salvação, de Is 40-66 são feitos com relação ao quanto Israel tem está de acordo ou desviando-se deste propósito declarado a Abraão. Neste sentido, Cobb defende, tal qual Weber, que os profetas falavam contra as formas de religião contrárias à *Torah*, ou que implicavam em outras divindades (1895, p. 106).

Mas contrariamente a Weber, a questão não tem como aspecto último o não atrair a ira de YHWH contra Israel, trazendo assim mal-estar ao povo de Israel. Ao contrário, Cobb entende que a intenção principal do confronto profético a estas inovações, como diria Weber, é resguardar a adoração a YHWH em Israel e, conseqüentemente, em todas as nações. Até mesmo a relação com Ciro é apresentada por Cobb com estes propósito de levar o conhecimento de e adoração a YHWH a todas as nações como o único Deus, conforme Is 45.6 (1895, p. 106).

Nem por isso, estes autores têm apenas divergências a Weber. Mitchell, por exemplo, defende que a relação de Israel com as outras nações, de acordo com os profetas, é dúbia: por um lado, muitos serão convertidos dentre estas nações; de outro, muitos outros não reconhecerão YHWH como o único Deus, mas serão submissos ao seu povo no final dos tempos (1919, p. 120). Logo ele tem uma consideração mais positiva da relação entre os profetas de Israel com as outras nações do que Weber, mas, como Weber, entende que Israel estará acima das outras nações no final dos tempos. Além disso, Mitchell não deixa de considerar a ação de YHWH contra as nações. Pois ele afirma que YHWH agirá contra as nações, para libertar seu povo. Isto redundará em glória para si mesmo (1919, p. 122), retornando, mais uma vez, à questão da adoração.

Porém, como afirma Paton, a adoração e a idolatria ligam-se ao conhecimento de YHWH:

We conclude, therefore, that Amos's opposition to the religion of his day was not directed against the details of that religion, but against its most fundamental idea, the idea of God. He declares that the popular idea of God is so utterly erroneous that Israel is no longer worshiping Yahweh, but a figment of its own imagination (1894, p. 89).

Logo, se Weber acredita que o culto não é discutido em seus detalhes pelos profetas, Paton conclui que as partes estão ligadas ao todo, de modo que, falando contra a ideia de Deus, todos estes elementos menores estão incluídos (1894, p. 90).

Portanto, Paton parece concordar com Cobb, pois a ideia de Deus se relaciona ao conhecimento de YHWH. Nisto se verifica que, contra Weber, as questões metafísicas não são deixadas de lado, em favor de uma profecia de cunho primordialmente ético. Mas sim que o conhecimento de YHWH, em que ele é (um assunto metafísico) e como se relaciona com seu povo e as nações são o ponto principal da profecia israelita.

Com base no contexto literário anterior e posterior (Is 49-54), em que Israel (também Sião) seria o servo de YHWH, Cobb entende que Is 52.13-53.12 traz novamente Israel como servo de YHWH, o qual metaforicamente morre, intercedendo pelas transgressões das nações, ao ir para o exílio, e ressuscita no novo êxodo (1895, p. 110). Cobb ainda defende que esta concepção também pode ser percebida em Os 6.2; 13.14; Am 5.2; Is 26.19 e Ez 37.12. Embora esta morte metafórica seja discutível, entendo que a visão de Cobb é diametralmente oposta à de Weber, pois Cobb sugere que Israel chega a sofrer em favor das outras nações. Logo a Cobb coloca a profecia israelita numa posição de restaurar o serviço de Israel em relação as outras nações, ao invés da postura defensiva, que parece ser adotada por Weber.

Em contraposição, Fullerton parece representar um meio termo entre as posições de Cobb e Weber, ao afirmar

It is not the mere exaltation of Jahweh, as contrasted with the pride of man which is to be humbled, that Isaiah wishes to emphasize, but his ethical exaltation which gives to the day of Jahweh its truly prophetic and ethical character. The thought is of Jahweh, the Holy One of Israel, of his equity and his righteousness (1919, p. 74).

Com o mesmo olhar positivo de Mitchell e Cobb para as outras nações, Sampey diz que, segundo Am 3.2; 9.7, apesar de YHWH agir com graça especial para com Israel, ele cuida até mesmo das migrações dos outros povos (1908, p. 181). Isto traz um olhar

mais positivo sobre as outras nações do que Weber entende, pois elas seriam, segundo Sampey parece colocar, objeto do cuidado divino.

Além disso, Smith defende que as nações serão punidas não somente pelo que fizeram a Israel, mas também por seus pecados em geral e contra nações terceiras (SMITH, W.R., 1882, p. 134-135.). Deste modo, o profeta não tem apenas a sua nação em vista no seu desejo de justiça, mas todas as nações conhecidas.

Portanto os autores acima concordam com Weber quanto ao chamado exclusivo em YHWH como segurança contra outras nações. Porém eles ressaltam a preocupação de YHWH com estes povos. Desta forma, YHWH não deseja somente puni-los, mas usar Israel como seu servo, descendente de Abraão, para levar o seu conhecimento a todos os povos, a fim de que eles mudem seus caminhos e unam-se a Israel em adoração a YHWH. Logo sua visão retrata uma concepção mais positiva das nações na profecia israelita. Além disso, o culto aparece como ponto central de todo este movimento.

## **UMA RESPOSTA A MAX WEBER**

Acima mostrei que a tese principal de Weber é que os profetas tentam trazer a superação das tensões internas de Israel, chamando o povo à ética, sem se importar com o culto, a fim de que YHWH não mande as outras nações contra Israel em juízo. Assim Weber parece compreender que os profetas tenham uma visão negativa das outras nações e as vejam como sem importância em relação a Israel.

Embora alguns autores de sua época tivessem alguns pontos em comum com Weber, outros tiveram uma visão contrastante, segundo a qual Israel é escolhido com o propósito de levar o conhecimento de YHWH às nações, para que estas o adorem. Desta forma o culto teria um papel preponderante.

Mas não são apenas estes autores que defendem esta ideia, pois autores mais recentes também a defendem, como Brueggemann, para quem “the world is intended by God to be a community that convenants” (1994, p. 50), o que traz a ideia tanto de uma comunhão, ao invés da aristocracia judaica preconizada por Weber para o fim dos tempos, quanto também um relacionamento de aliança com os povos.

Desta forma, ao invés da proposta de Weber, a qual traz um profeta preocupado tão somente com Israel e que leva o povo a pensar assim também, o profeta chama o povo a ter uma visão maior de YHWH e de seus propósitos para o mundo: “as Israel looks beyond itself, the covenant passes to the world of need, darkness and prison (Isa. 42:6-7; 49:6)” (BRUEGGEMANN, 1994, p. 50-51). Nesta visão, Israel é dado em favor das

outras nações, a fim de que a aliança também chegue a estas. Desta forma, Brueggemann vai também além dos autores de 1888-1922, pois ele adiciona a aliança, dando o contexto correto do conhecimento de YHWH e da adoração.

Por um lado Hamilton concorda com Weber, ao entender que os profetas pregaram o juízo de YHWH contra as nações, e que os reis de Israel não deveriam procurar ajuda em outras nações, mas em YHWH (2010, p. 190, 194). De fato, estes dois pontos parecem ser um ponto pacífico entre os autores.

Mas por outro lado, Hamilton discorda de Weber, pois

the promises to Abraham in Genesis 12:1–3 answer the curses of Genesis 3:14–19, pointing to Yahweh’s intention to overcome those curses by blessing Abraham and reopening the way to Eden. Isaiah 51 seems to support this interpretation as Isaiah reminds his audience of the way Yahweh blessed Abraham (Isa. 51:1–2) and then promises that when he comforts Zion, “he will make her wilderness like Eden, and her desert like the garden of Yahweh” (51:3) (2010, p. 207).

Considerando que isso significa acabar com a inimizade entre os seres humanos, com as catástrofes naturais e anular a morte, essa promessa liga Israel a Jesus Cristo. Pois em todas as Escrituras somente através dele essa realidade se concretizará.

Embora nada fale sobre o Éden, Heschel também relaciona Gn 12.3 com a profecia de Isaías, especialmente 29.22-24, mostrando que ‘the promise made to Abraham will be fulfilled. “In you shall all the families of the earth be blessed” (Gen. 12:3). Israel will flourish, and all nations will come to understanding’ (HESCHEL, 2001, p. 233).

Logo, YHWH trará as nações a si. Mas esta reunião final tem como propósito a adoração a YHWH por sua misericórdia e justiça. Desta forma a glória de YHWH será reconhecida na Nova Jerusalém (HAMILTON, 2010, p. 211). Portanto Hamilton parece concordar com alguns dos autores da época de Weber com relação à importância da adoração.

Para Hamilton o julgamento serve à salvação. Neste sentido, as nações são usadas por YHWH, para julgar seu povo rebelde, vingando a sua santidade diante delas (HAMILTON, 2010, p. 222), como em Ez 36. De fato, Jeremias parece pregar que o exílio chegou a um ponto em que não pode ser impedido, ao contrário da visão de Weber de que os profetas tão somente tentaram impedir sem sucesso o exílio. Posteriormente, YHWH julga as nações, e Israel é livrado (HAMILTON, 2010, p. 221-222), assim a bondade de YHWH é mostrada. Então as nações são atraídas.

Logo mesmo o julgamento das nações serve à salvação delas. Tudo isso para a glória de YHWH (HAMILTON, 2010, p. 222). Deste modo, o exílio serve tanto de

purificação ao povo, como também para tornar visível às nações a santidade e a misericórdia de YHWH. Isso leva à conclusão de que mesmo o exílio faz parte de um plano redentor para Israel e o mundo.

A mesma ideia é vista em Amós, em quem vemos que esse julgamento servirá, para restaurar Israel, para que tenham os mesmos valores éticos de YHWH (Am 5.15), pois “Yahweh’s desire is for his people to be what he created them to be: his image and likeness. This means that he wants them to worship him and rule as he rules, with supreme regard for his glory and honor” (HAMILTON, 2010, p. 243-244).

De modo mais claro, o livro de Jonas parece envolver uma reconciliação das nações com vistas ao louvor a YHWH. Pois Israel foi separada como um reino de sacerdotes (Êx 19.6) que, ao obedecer a *Torah*, comunica a glória de YHWH, como uma luz às nações, para que elas se arrependam e venham a Israel aprender os caminhos de YHWH (Is 2.1-5) (HAMILTON, 2010, p. 247).

Isto é a própria missão da humanidade. Pois Adão foi criado à imagem e semelhança de YHWH para governar segundo o propósito divino e, ao se multiplicar em novos carregadores desta imagem, expandir o Éden por toda a terra. Mas como Adão falhou, Abraão foi escolhido, para que através da sua descendência este alvo fosse atingido. Porém, como Israel falhou, à semelhança de Adão, “he invited the messiah, king of Israel, to ask of him, and he would make the nations his inheritance (Ps. 2:8)” (HAMILTON, 2010, p. 256). Este processo continua no Novo Testamento, através da Igreja, que é o corpo de Cristo (Ef 1.22-23; 2.19-22; 4.15-16), trazendo direção para a missão de nossas igrejas locais: viver como *Imago Dei*, em adoração e fazendo discípulos, no cumprimento da Grande Comissão (Mt 28.18-20).

Para House, Sofonias revela que

Quite miraculously the day of the Lord purifies the nations and allows them to serve Yahweh (3.8-9). Unlike Israel, whose restoration is led by the remnant mentioned in 2.3, 7, 9, and 11, the Gentiles' renewal comes without much warning. God simply decrees, as their king, that they will worship Him. [...] the heathen come to the Lord at all proves God's love for the cosmic people as well as Yahweh's determination to bless the whole creation (1990, p. 216).

Logo, embora House não fale sobre a promessa abraâmica, suas conclusões chegam ao mesmo ponto que Hamilton, mostrando, contra Weber, que as nações têm um papel importante como alvo do serviço de Israel a YHWH.

Outro que segue nesta mesma visão é Van Groningen. Analisando a profecia de Joel, ele conclui que “Israel deveria ser um povo de sacerdócio, intercedendo,

sacrificando e servindo a todas as nações” (2004, p. 25). Logo se os profetas procuram chamar o povo à uma obediência, como postula Weber, isso deve ir além do mero discurso ético, apelando para a vocação e missão de Israel entre os povos.

Também Amós anuncia que os edomitas e, por consequência, todas as nações participariam da bênção trazida pelo Messias

Edom é referida como tendo um remanescente da tenda restaurada de Davi. Isso significava que alguns edomitas receberiam as bênçãos da aliança oferecidas por meio do Filho de Davi, o Mediador. Por que Edom é mencionada? Os edomitas, descendentes de Esaú, eram conhecidos por seu ódio aos descendentes de Jacó (Am 1.12). Assim, se os edomitas podiam participar da bênção da obra do Mediador na aliança, certamente todas as outras nações também poderiam fazer o mesmo. [...] Deste modo, Amós trata diretamente da promessa a Abraão de que, por seu intermédio e de seus descendentes, todas as nações seriam abençoadas e abençoariam a si mesmas (Gn 12.1-3) (VAN GRONINGEN, 2004, p. 63).

Isso acontece porque todos os povos fazem parte do reino cósmico de YHWH, têm uma aliança com ele, são convocados a crer no seu Mediador e prestar-lhe culto (VAN GRONINGEN, 2004, p. 87-88).

Como parte deste regaste e transformação, Beale defende a mesma ideia da expansão do Éden, trazida por Hamilton. Ele compara a expansão do Éden com a expansão assíria. Porém como a expansão foi injusta e pecaminosa, ela será cortada (BEALE, 2004, p. 127-128). Assim vemos que YHWH destrói toda paródia concorrente ao seu reino, do mesmo modo como o fará em relação ao dragão, as duas bestas e demais imagens anticristãs no livro de Apocalipse. Neste mesmo sentido, uma expansão pecaminosa de Israel deve ser colocada abaixo e dar lugar a uma expansão que glorifique a YHWH.

Desta forma, Beale nota que “among all the patriarchal promises, Isaiah 54:3 is a further elaboration specifically on Genesis 28, since it is the only promise that contains the precise wording that Abraham’s ‘seed’ will ‘spread out’ to affect the nations” (BEALE, 2004, p. 130). Apesar de parecidas, as duas promessas trazem a seguinte diferença: enquanto em Gn 28.4 a promessa inclui a repetição da bênção prometida a todas as nações feita a Abrão, em Gn 12.1-3, Is 54.3 promete o domínio da descendência sobre todas as nações. Deste modo, temos a extensão do templo do Éden, de forma que “the tent of Isaiah 54:2–3 is associated with a garden-like place (51:2–3) and a rich city (54:11–12)” (BEALE, 2004, p. 132), imagens incorporadas em Ap 21.1-22.5.

Esta comparação faz com que todas as passagens de restauração de Isaías tenham este aspecto. Deste modo, Is 35 traz a restauração do deserto em um jardim, mas também dos cegos vendo, surdos ouvindo, coxos pulando e mudos falando, elemento concretizado parcialmente por Cristo, em sua época (Mt 11.5 e Lc 7.22), mas que ainda aguarda a consumação futura. Beale demonstra que esta linguagem da disfunção dos órgãos sensoriais”, refere-se tanto como consequência da idolatria como ao castigo de YHWH à idolatria (BEALE, 2014, p. 40), como mostram Is 42.17-20; 43.8-10 e Sl 135.15-18 e Sl 115.4-8, respectivamente (BEALE, 2014, p. 43). A idolatria torna insensível o povo justamente aos anúncios de YHWH, conforme Is 6.9-10 e 44.8-20.

Diante disso, Beale afirma o princípio teológico de que as pessoas se tornam aquilo que adoram (BEALE, 2014, p. 45). A consequência lógica, então, é que adorar a YHWH restaura sua imagem no adorador. Logo pregar tão somente a ética não seria suficiente para produzir obediência no povo. Ao contrário disto, a adoração é essencial para a obediência, como Mitchell e Paton também afirmaram. Portanto os profetas pregavam tanto a obediência, quanto o culto no contexto do relacionamento de aliança com YHWH.

Deste modo, a expansão do Éden como um templo em que YHWH é adorado associa-se à restauração da sua imagem no ser humano. Logo esta é a bênção que vem sobre as nações: um relacionamento pautado pela obediência e adoração, que tornam o homem semelhante ao seu criador, assemelhando-se ao que Paulo fala sobre os propósitos de YHWH ao guiar todas as coisas, para que o bem da imagem de Cristo esteja sobre seu povo (Rm 8.28-29), como também sobre a transformação que o cristão tem ao contemplar a glória do Senhor (2Co 3.18).

Baseado em tudo o que foi apresentado até este ponto, o profeta chama o povo a viver a aliança em sua plenitude, em confiança, adoração, obediência ética e missão, pois sabe que o relacionamento é o mais importante em relação a YHWH. Como parte deste relacionamento de aliança, a adoração é essencial à transformação ética, contrariando Weber. Porém a ética ainda assim está presente, porque sem esta a adoração se torna abominável a YHWH. Com esta vida de relacionamento, Israel reflete a glória de YHWH, atraindo outras nações, que passam a viver este processo e refletir a glória de YHWH, por sua vez dando continuidade ao processo, atingindo seu sumo bem.

Ainda segundo Beale, “there will be a future new cosmos and temple that God will create and in which he will dwell for ever [sic], and which will be an extension of the

present *heavenly temple*” (BEALE, 2004, p. 135). Portanto o templo tem um lugar de importância nos planos de escatológicos de YHWH, talvez por isso Ageu e Ezequiel, entre outros, falem a favor dele, contrariando a postura weberiana de ver os profetas contra o culto.

Também Jr 3.16-18 está relacionado ao mandato de Gn 1.28 de encher a terra e sujeita-la (BEALE, 2004, p. 138). Esta passagem inclui tanto o movimento das nações em direção a Jerusalém, quanto a libertação do pecado, de modo que abandonaram a sua dureza de coração, imagem esta associada com a idolatria e a linguagem sensorial de Is 6.9-10. Desta forma, “at the time of her end-time restoration, Israel will finally fulfill the Genesis mandate ‘to multiply and increase’ (Jer. 3:16) (BEALE, 2004, p. 139).

Este mandato se dá pelo evangelho, que crescendo e frutificando, torna as pessoas parte do reino de Deus, o qual revela a YHWH em sua vida de adoração, amor e serviço. Pois At 6.7 diz que a palavra crescia e se multiplicavam o número de discípulos. Por sua vez Paulo afirma, em Cl 1.6,10 que o evangelho estava produzindo fruto e crescendo, gerando pleno entendimento na graça divina, levando ao crescimento do conhecimento e frutificação de toda boa obra. Portanto a o ministério profético tem sim algo a dizer à igreja local, pois no evangelho de Jesus Cristo cumprem-se seus mais altos anseios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluo que a premissa central de Weber – que os profetas viam as nações sobretudo como meios de YHWH punir Israel e de que os profetas tão somente chamavam o povo à ética (enquanto deixavam o culto de lado), para evitarem esta punição – está errada. Pelo contrário, as nações são alvo da missão dada por YHWH a seu povo.

Isto remonta desde o próprio propósito da criação humana: encher a terra com a imagem de YHWH, através da multiplicação biológica e trabalho segundo sua vontade. Isso levaria à expansão do Éden, como Hamilton e Beale afirmaram, glorificando YHWH. Mesmo tendo Weber considerado o propósito de YHWH em glorificar sua soberania, ele não relacionou isso como um aspecto tão importante para os profetas, quanto o bem-estar de Israel.

Esta expansão toca diretamente a questão da adoração, já que o Éden é visto como parte do templo de YHWH. Logo todos os que são incluídos neste reino cósmico, como

chamou Van Groningen, são automaticamente situados como adoradores, incluindo tanto Israel, como as nações.

Portanto a questão da adoração é mais uma vez central, sobretudo porque leva à restauração da imagem de YHWH no ser humano, o qual reflete a glória de YHWH, cumprindo o propósito da criação.

Contudo como o pecado afetou este propósito, YHWH chamou Abrão, para que ele fosse uma bênção e nele todas as nações da terra se abençoassem, propósito esse que se cumpre no Messias, mas que passa por Israel viver o relacionamento com YHWH segundo a aliança. Desta forma as nações seriam atraídas, para participar desta vida.

Logo, como dito por Brueggemann, uma comunidade de alianças seria formada. Mas não seria uma comunidade tão somente ou preponderantemente ética, como quis Weber. Ao contrário seria uma comunidade adoradora, de relacionamento com este YHWH. Desta forma a paz e segurança vista por Weber como parte do mundo escatológico não se cumpriria por uma aristocracia judaica governando o mundo, mas por uma comunhão com o fim de glorificar YHWH sem pecado.

Isso mostra que a superação das tensões comunitárias não viria de uma visão homogênea da vida, sem consideração por elementos metafísicos, mas sim pelo conhecimento de YHWH, pela purificação do pecado e pela adoração conjunta a YHWH, elementos que se estendem não só a Israel, mas às outras nações e à criação como um todo, purificando assim os adoradores, mas também todo o templo.

Portanto entendo que embora haja elementos úteis na análise de Weber, eles são diminuídos em favor de um programa ético de superação de tensões com a finalidade egoísta de segurança, sem se importar de fato com a glória de YHWH, nem com o propósito de seu povo segundo sua criação, ou eleição em Abraão, ou mesmo sem dar valor às nações como criação divina.

Assim, concluo que utilizar a análise de Weber pode levar a uma interpretação que guie as pessoas na mesma direção egoísta e legalista, autocentrada, ou na melhor das hipóteses meramente humanitária, perdendo, assim, o escopo maior e mais pleno que possibilita a real transformação das pessoas, por meio do evangelho, que visa à glória do soberano YHWH.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, D.W. Israelite Prophets and Prophecy. In: BAKER, D.W.; ARNOLD, B.T. **The Face of Old Testament studies**: a survey of contemporary approaches. Grand Rapids: Baker Books, 1999

BEALE, G. K. **The temple and the Church's Mission**: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God. (New Studies in Biblical Theology 17). Downers Grove: InterVarsity Press, 2004

\_\_\_\_\_. **Você se torna aquilo que adora**: uma teologia bíblica da idolatria. Tradução Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BRUEGGEMANN, W. **A social reading of the Old Testament**: prophetic approaches to Israel's communal life. Minneapolis: Fortress Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **The prophetic imagination**. 40<sup>a</sup> Ed. de aniversário. Minneapolis: Fortress Press, 2018.

COBB, W. H. On integrating the book of Isaiah. **Journal of Biblical Literature**, Boston, 20, n.1, p. 77-100, 1901.

\_\_\_\_\_. The servant of Jahveh. **Journal of Biblical Literature**, Boston, 14. p. 95-113, 1895.

COOKE, G.A. The unknown martyr: a study of Zechariah 11 and 12. **Anglican Theological Review**, Oxford, 6, n.2, p. 97-105, out.1923.

FULLERTON, K. The original form of the refrains in Is.2:6-21. **Journal of Biblical Literature**, Oberlin, 38, n.2-3, p. 64-76, 1919.

\_\_\_\_\_. Viewpoints on the discussion of Isaiah's hope for the future. **Journal of Biblical Literature**, Oberlin, 41, n.1-2, p. 1-101, 1922.

HAMILTON, J. M., JR. **God's glory in salvation through judgment**: a Biblical Theology. Wheaton: Crossway, 2010.

HESCHEL, A. **The Prophets**. Nova Iorque: HarperCollins, 2001 (Perennial classics).

HOUSE, P. **The unity of the twelve**. Sheffield: Almond Press, 1990.

MITCHEL, H.G.T. The servant of Yahweh in Isa. 40-55. **Journal of Biblical Literature**, Somerville, 38, n.2-3, p. 113-128, 1919

MITCHEL, H.G.T. The theology of Jeremiah. **Journal of Biblical Literature**, Boston, 20, n.1, p. 56-76, 1901.

OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009.

PATON, L. B. Did Amos approve the calf-worship at Bethel? *Journal of Biblical Literature*, Boston, 13, p. 80-90, 1894.

POLLARD, E. B. 'Is God's moral government out of order?': The burden of Habakkuk. *Review & Expositor*, Georgetown, 1, n.1, p. 45-54, abr.1904.

SAMPEY, J.R. The figure of exaggerated contrast. *Review & Expositor*, Nova York City, 5, n.2, p. 181-186, abr.1908.

SCHMIDT, N. The origin of Jewish eschatology. *Journal of Biblical Literature*, Ithaca, 41, n.1-2, p. 102-114, 1922.

VAN GRONINGEN, G. **Criação e Consumo**. Tradução Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, vol. II.

WEBER, M. **Ancient Judaism**. Tradução Hans H. Gerth e Don Martindale. Nova Iorque: The Free Press, 1952.

\_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Universidade de Brasília, 1991, vol. I.

## **ABSTRACT**

Max Weber is a prominent author in Social Sciences, which have been used by several authors in the studies in the Old Testament. In face of this reality, it is necessary to verify in what points Max Weber's contributions are in agreement with the Scriptures or not. Therefore, this article aims to verify the main concern of prophetic activity, according to Max Weber, the perspective of the prophets in relation to other nations, and how this would have affected their relationship with them and their entire prophetic ministry. For that, it will be presented what Max Weber says about the prophets; what comparison can be made with other authors of his time and what answer can Biblical Theology give today, relating this discussion to the mission of the people of YHWH.

## **KEYWORDS**

Prophets; Max Weber; Mission in the Old Testament; Old Testament Eschatology.

# A ARTE LITERÁRIA NA CONSTRUÇÃO MISSIONAL DA HISTÓRIA DO POVO DE DEUS

*Carlos Roberto Miranda<sup>1</sup>*

## **RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar, de maneira breve e não exaustiva, as estratégias missionais de persuasão referentes ao gênero literário dos relatos bíblicos utilizados para fins de convencimento do ouvinte ou leitor. Será observado que, nesse embate ideológico, diferentes e sofisticadas ferramentas discursivas são utilizadas em favor do convencimento do público receptor. Para que tal análise seja minimamente percebida apresentaremos alguns desafios na interpretação da Bíblia como obra literária, bem como uma breve análise do relato criacional presente em Gênesis 2.18-23, sua natureza argumentativa e como as escolhas cuidadosas do narrador nos convidam a um engajamento real na missão do povo de Deus.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Relato criacionista; narrativa; prosa; missão do povo de Deus.

## **INTRODUÇÃO**

“Todo povo tem a sua música” (CHRISTOV; MATTOS, 2006, p. 23). Essa afirmação de Valéria Peixoto nos faz refletir sobre o fato de que mesmo antes de a música ser organizada, estudada e construída por aspectos técnicos, o ser humano, independentemente de sua cultura, capacidade intelectual ou de qualquer outra coisa, já se organizava em torno de melodias, harmonias e timbres que o identificavam como ser pertencente a um grupo ou cultura.

A música aproxima e identifica certos grupos específicos que têm por objetivo comunicar algo aos seus comuns ou até àqueles que pertencem a grupos distintos. Com a literatura não é diferente. A arte literária também une sociedades e transmite aos leitores/receptores uma mensagem única e detalhada a respeito de quem a emite, com elementos de diversas influências, bem como revela objetivos bem precisos acerca das estratégias de convencimento contidas nos mais diversos textos.

Sob esse prisma, é interessante perceber que a literatura (assim como a música) possui aspectos técnicos que possibilitam ao receptor a oportunidade de, a partir de certas ferramentas para observação, apreciar a obra em si, bem como conhecer as

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito, Faculdades Integradas de Itapetininga-SP (2006); pós-graduado em Direito Tributário, Instituto Luiz Flavio Gomes (2012); Bacharel em Teologia, Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas-SP (2016); pós-graduado em Plantação e Revitalização de Igrejas pela FATEV (2018); mestrando em letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2020).

estratégias narrativas utilizadas pelo narrador<sup>2</sup> e de seus pressupostos na construção da obra.

No entanto, antes de qualquer coisa, é necessário entender que, ao analisar os escritos bíblicos sob a ótica da religião, há que se compreender que os religiosos e adeptos das crenças e valores ligados às Escrituras, historicamente, carregam pressupostos de que o todo contido ali é verdade incontestável. Em virtude disso, fica bastante improvável que se percebam detalhes importantes que dizem respeito aos instrumentos utilizados pelo narrador de cada unidade textual. Ora, se o texto é sagrado como a religião o vê, como explicá-lo usando ferramentas de compreensão de uma atividade de natureza tão secular quanto a literatura ocidental moderna? Entretanto, é preciso compreender que uma pesquisa detalhada dos textos bíblicos, como chegaram até nós, pode despertar grande surpresa no que se refere à noção acadêmica de autoridade absoluta da tradição e pode nos levar a concluir que os escritores bíblicos se valeram de grande liberdade na articulação das tradições disponíveis. É claro que a intenção aqui não é refutar a autoridade ou confiabilidade da Bíblia, mas sim de apenas apresentar uma forma de leitura e interpretação complementar às já existentes.

Nesse sentido, para Robert Alter, autor de *A arte da Narrativa Bíblica*, é preciso notar o fato importante de que entre os povos antigos somente Israel tenha escolhido expressar suas tradições nacionais a partir do gênero literário “prosa” (ALTER, 2007, p. 47).

Sob esse prisma, esse artigo pretende examinar, de maneira não exaustiva, algumas estratégias missionais de persuasão, a partir da utilização de ferramentas literárias, em especial, a própria escolha do gênero literário.

Como *corpus* deste estudo elegeu-se uma passagem da chamada história primeva, a criação de Eva, conforme o livro de Gênesis, capítulo 2, dos versos 18 a 23. Será utilizado ainda, a título de comparação, um trecho do *Enuma Elish* (poema épico da antiga Babilônia sobre a criação do mundo)<sup>3</sup>. Assim, a partir de reflexões teóricas e

---

<sup>2</sup> É preciso esclarecer que autor e narrador, para a análise literária, são figuras distintas. “O autor (real) é o personagem histórico, individual ou coletivo, responsável pela redação da narrativa; como tal, não emerge no campo da narratologia. Já, o narrador, é a voz narrativa de onde emana a narrativa e que a conta” (MARGUERAT; BOURQUIN. 2009, p. 27).

<sup>3</sup> Título da narrativa épica da criação babilônica encontrado durante as escavações em Nínive (1848 a 1876). As palavras “enuma elish” significam “quando estiver no alto” e são as duas primeiras palavras do épico, apresentando ao leitor um tempo em que os céus “no alto” não haviam sido nomeados e a terra ainda não existia. As tábuas cuneiformes contendo o épico foram encontradas nas ruínas da biblioteca do rei assírio Assurbanipal. O épico foi composto na época do rei babilônico Hamurabi (1792-1750 AC). Um dos principais objetivos do épico é mostrar a soberania do deus babilônico “Marduk” (ELWELL; BEITZEL, 1988, p. 702. Tradução nossa).

de análises dos textos, propõe-se como objetivos: identificar os elementos que criam o diálogo intertextual, identificar os elementos de embates ideológicos e examinar que efeitos de sentido tal estratégia missional proposta pelo narrador produz.

A abordagem terá como pressuposto os escritos de Robert Alter, autor de *A arte da Narrativa Bíblica*, no que respeita à visão literária da Bíblia, bem como os escritos de Michael Goheen, autor de *O Drama das Escrituras*, no que respeita à abordagem das narrativas bíblicas enquanto parte de uma metanarrativa.

O presente artigo será dividido assim: os desafios decorrentes da tentativa de se interpretar a Bíblia enquanto literatura; da natureza argumentativa do livro de Gênesis; uma análise prática em Gênesis 2.18-23; a prosa e o convite permanente ao engajamento à missão; e considerações finais.

## **OS DESAFIOS DECORRENTES DA TENTATIVA DE SE INTERPRETAR A BÍBLIA ENQUANTO LITERATURA**

Durante três séculos (XVIII a XX), o paradigma histórico, moderno, de interpretação da Bíblia foi dominante e soberano na pesquisa bíblica e nos estudos bíblicos ligados às igrejas. Seja no lado da vertente histórico-crítica, seja no da histórico-gramatical, a leitura da Bíblia nesses trezentos anos ficou definida e demarcada pela história e pela filologia como referencial teórico e hermenêutico. Nesse paradigma histórico, a aposta fundamental era a de encontrar, mediante o cuidadoso uso do método, o sentido original do texto, de acordo com a intenção de seu autor e a interpretação por seus primeiros leitores. Embora as duas vertentes do paradigma histórico sejam antagônicas entre si, ambas se submetem, igualmente, ao crivo da historicidade como fator que define a verdade textual e sua adequada e correta interpretação (ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 11-12).

Assim, a grande maioria dos estudiosos, historicamente, por inúmeros fatores, esteve mais interessada em dizer como um texto foi utilizado em um determinado e hipotético ritual religioso primitivo, ou como foi emprestado de outras tradições religiosas, do que analisar a força da poesia do texto ou o propósito literário a respeito de sua posição no texto bíblico. Frye faz uma análise interessante, e até certo ponto pesada, desse movimento: “ao invés de emergir de uma crítica ‘de base’, ou seja, dos estudos sobre os textos, a maior parte daquela erudição enterrou-se numa crítica de porão onde desintegrar o texto virou um fim em si mesmo” (FRYE, 2002, p. 16).

É claro que a interpretação da Bíblia como texto sagrado é mais do que justificável. Mas isso não deveria inviabilizar o estudo das suas narrativas enquanto literatura. Nesse sentido, João Leonel afirma o seguinte:

As Escrituras, definidas entre os protestantes em geral como “regra de fé e prática”, assumiram, no decorrer do tempo, ares de texto atemporal, visando tão somente a edificação dos fiéis, entendida de modo totalmente desvinculado das categorias de tempo e espaço, necessárias para que seja recebida adequadamente como texto, fruto de questões bastante concretas (LEONEL, 2013, p. 20).

Desse modo, muitos teólogos que consideram a Bíblia a revelação divina para a humanidade têm preferido

indagar sobre a visão bíblica do homem, a noção bíblica da alma, a visão bíblica da escatologia, em detrimento de fenômenos como a construção dos personagens, as motivações e a estrutura narrativa, como se fosse inadequado considerar tais aspectos no estudo de um documento essencialmente religioso (ALTER, 2007, p. 35).

Há que se destacar sempre que a análise literária da Bíblia não se propõe a anular todo o esforço feito pela exegese histórico-tradicional, mas busca complementar os resultados da análise bíblica a partir das ferramentas literárias. O objetivo da análise literária não é, portanto, na direção de propor uma abordagem interpretativa superior a qualquer outra, por um ou outro motivo. Antes,

a proposta hermenêutica aqui apresentada procura evitar radicalismos, mantendo a perspectiva acadêmica de estudo da Bíblia e, ao mesmo tempo, propondo um critério de análise que seja mais adequado ao *status* das Escrituras enquanto literatura. Além disso, a abordagem literária do texto bíblico permite uma aproximação mais prática, com aplicações proveitosas na área da exegese e homilética (ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 38).

É notório o fato de que os grupos tradicionais de leitura e interpretação dos escritos bíblicos inseridos nos mais variados contextos religiosos tendem a desconsiderar os aspectos artísticos literários da Bíblia.

Por aspectos artísticos literários busca-se aqui apontar para os elementos internos constitutivos de sentido de um texto que incluem enredo (a relação entre os incidentes de uma história), caracterização (a apresentação dos atores), ponto de vista (como a história é focada) e distorções temporais (tais como anacronismos, repetição, presságio e duração), entre outros (BARR, 1978, p. 647).

Ainda, Alter define a arte literária na conformação da narrativa bíblica como

um papel finamente modulado a cada momento, quase sempre determinante na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração, nos pequenos movimentos do diálogo e em toda uma teia de relações que se ramificam pelo texto (ALTER, 2007, p. 15).

Desse modo, analisar os aspectos literários do texto será útil para melhor apreciação dos relatos bíblicos, reforçará o sentido de unidade literária do texto, bem como trará recursos úteis para sua leitura e interpretação que, somados aos conceitos históricos e teológicos, revelará com maior profundidade a mensagem contida nas Sagradas Escrituras.

Não é habitual que a Bíblia seja lida assim. A verdade é que os adeptos à leitura bíblica não estão acostumados a tal proposta. Na grande maioria dos casos a Bíblia é lida como sendo um livro sagrado e ponto. No entanto, isso pode ser um entrave para a leitura da Bíblia como literatura. Por isso, é certo que,

para ler dessa maneira, é necessário saber tudo o que o texto supõe que o leitor saiba e esquecer tudo o que o texto não supõe que o leitor saiba. O crítico deve fazer as perguntas que o texto supõe que o leitor fará, mas não deve se distrair com perguntas que o leitor implícito não faria (RICOEUR, 1967, p. 351. Tradução nossa).

Há que se levar em conta, portanto, que também na leitura bíblica, a abordagem narrativa é fundamental para que se consiga, com o auxílio das outras abordagens, aprofundar ainda mais a compreensão dos leitores.

## **DA NATUREZA ARGUMENTATIVA DO LIVRO DE GÊNESIS**

As narrativas da criação de Gênesis são argumentativas e assim busca-se por meio delas relatar a verdade sobre o mundo, contradizendo e contrapondo completamente quaisquer outras narrativas que lhe sejam opostas. Note-se que, uma vez que histórias opostas aos relatos criacionistas de Israel eram extremamente comuns no mundo antigo, o povo de Deus era constantemente atraído e tentado a adotar outras narrativas como base para sua cosmovisão, em lugar da fé no Deus revelado nas Escrituras. No entanto, “a narrativa da criação de Gênesis não é apenas uma disputa, mas também tem como finalidade instruir de modo positivo o que a fé em Deus significa para a maneira de pensar o mundo que ele criou e de como viver nele. Ela faz isso na forma de história” (GOHEEN, 2017, p. 38).

Para entender a história da criação de Gênesis precisamos antes entender algo sobre o tipo de composição literária que ela é. Von Rad a chama de “doutrina sacerdotal tão rica em significado que não se pode exagerar facilmente sua interpretação teológica” (VON RAD, 1961, p. 46). O relato da criação é um exemplo de literatura de sabedoria cuidadosamente elaborada. Ou seja, os primeiros capítulos de Gênesis foram redigidos

de modo profundamente cuidadoso, uma vez que a evidência de sensível habilidade na narração é clarividente.

A análise literária está interessada naquilo que Chatman chama de “como contar a história” (CHATMAN, 1978, p. 15. Tradução nossa). Nesse sentido, uma questão central é, como o autor implícito guia o leitor implícito no entendimento da história?<sup>4</sup> A análise literária tende a pensar que o leitor é guiado por meio de dispositivos intrínsecos ao processo de contar histórias (POWELL, 1990, p. 23. Tradução nossa).

Qual o objetivo de tais ferramentas missionais de persuasão? Bem, nada ocorreu sem uma finalidade justa e importante. Ou seja, as ferramentas de persuasão servem ao objetivo do narrador de como narrar a história. Os relatos criacionistas do povo de Israel opunham-se

contra noções e relatos oriundos de religiosas pagãs que predominavam no Egito e em Canaã. Prova disso, é que Genesis 1 proclama e relata sobre a verdade sobre Deus, sobre a humanidade e sobre o mundo em contraste com os mitos do antigo Oriente Próximo a respeito dos mesmos conceitos sobre Deus, humanidade e mundo. Esse ato introdutório nos apresenta os atores principais da peça – Deus e a humanidade – e o mundo no qual a história bíblica se desenrola (GOHEEN, 2017, p. 39).

Percebe-se que o relato criacionista bíblico carrega a preocupação com o mesmo tripé presente em todos (ou maioria) dos mitos criacionistas antigos: a figura de um ser (ou mais seres) divino, a humanidade e o mundo. A questão é que claramente no relato criacionista bíblico existe uma preocupação em contra argumentar no sentido de evidenciar o fato de que existe apenas um Deus, ou, pelo menos, que existe um Deus criador de todas as coisas, acima de tudo e de todos, e que deve ser temido e adorado.

Nesse sentido, por exemplo, no antigo Oriente Próximo, as pessoas conheciam muito bem o significado de autoridade. Entre elas, o poder até mesmo de líderes tribais ou nacionais era quase absoluto e completamente aceito. E de vários modos em Gênesis 1, Deus é descrito como o Monarca, ou seja, a figura real cuja soberania e autoridade se estende por direito e por poder sobre toda a sua criação. No entanto, mesmo na posição de rei, Deus não se mantém distante de sua criação, diferente das figuras divinas dos

---

<sup>4</sup> Autor implícito é a imagem do autor tal como se revela por suas opções de escrita e pelo desdobramento da estratégia narrativa, diferente do autor real, que é o personagem histórico, individual ou coletivo, responsável pela redação da narrativa; como tal, não emerge no campo da narratologia. Leitor implícito é o receptor da narrativa construído pelo texto e apto a atualizar as significações na perspectiva induzida pelo autor; essa imagem do leitor equivale ao leitorado imaginado pelo autor, diferente do leitor real, que é a figura individual ou coletiva, representante seja do leitorado a que o autor real destinou seu texto (leitor primeiro), seja de qualquer pessoa engajada no ato de leitura. Como tal, essa entidade não é do campo da narratologia. (MARGUERAT, 2009, p. 27).

relatos criacionistas antigos. Pelo contrário, o Senhor Deus<sup>5</sup>, criador de todas as coisas e detentor de todo o poder, caminha no jardim com Adão e Eva e mostra um legítimo e íntimo interesse pessoal neles, em suas necessidades e em suas responsabilidades.

Percebe-se, portanto, que o autor do relato está demonstrando de várias maneiras diferentes que o Deus apresentado nesses relatos nada tem a ver com os deuses descritos nos relatos criacionistas antigos contemporâneos ao relato bíblico. Essa demonstração de oposição aos relatos criacionistas concorrentes, por assim dizer, não era apresentada a título de opção ou alternativa pura e simplesmente. Antes, os relatos bíblicos estavam carregados de intenções claras no sentido de sublimar toda história ou relato, toda vírgula ou ponto, todo personagem ou enredo, que não lhe guardasse estrita afinidade.

Lesslie Newbigin entendeu a importância de se compreender esses aspectos: “O modo de compreendermos a vida humana depende de que concepção temos da história humana. Qual é a história verdadeira da qual a minha vida faz parte?” (NEWBIGIN, 2016, p. 134). Assim, parece que o autor ou os autores do relato bíblico criacionista entenderam a importância de se desenvolver uma cosmovisão coerente com a verdadeira história da humanidade para que o povo de Deus não se perdesse quando em contato com visões de mundo alternativas no que diz respeito ao relato bíblico sobre a criação de todas as coisas.

Dessa maneira, um olhar desatento e religioso na direção dos textos bíblicos e especialmente na direção do livro de Gênesis enxergará aquilo que as lentes religiosas da história viram e perceberam. Não que isso seja pouco ou sem importância. No entanto, há mais para ser visto. Um olhar atento às questões teológicas, históricas, somadas às questões literárias, possibilitará uma correta e adequada interpretação do texto, alcançando valores, estratégias e esforços almejados pelo autor para que seus leitores fossem total e plenamente convencidos de que o Deus revelado nas Escrituras merece completa e plena distinção.

## **UMA ANÁLISE EM GÊNESIS 2.18-23**

Como vimos acima, o relato bíblico criacionista se preocupou em redefinir, à luz dos conceitos do Deus de Israel, as ideias a respeito de Deus, do homem e do mundo. Isso fica claro a partir de vários textos bíblicos que atribuem valores opostos aos

---

<sup>5</sup> Quando os nomes *Yahweh* (Senhor) e *Elohim* (Deus) são unidos conforme Gênesis 2.4, a implicação pujante é de que o mesmo Deus que resgata Israel da escravidão é o Deus que criou todas as coisas, o Criador do céu e da terra (GOHEEN, 2017, p. 36).

contidos nos relatos pagãos contemporâneos. Entretanto, o que chama a atenção é que tais textos bíblicos não continham apenas conceitos e ideias diversas dos textos criacionistas da época. O texto bíblico diferenciava-se ainda em função de outro aspecto muito importante: o gênero literário.

Quando lemos um texto, é importante que compreendamos que estamos lidando com um objeto de comunicação, de cultura, cujo sentido depende do contexto sócio-histórico. Às vezes não nos damos conta de que tais processos também devem ser aplicados a textos religiosos. Mas, assim como em qualquer tipo de texto, essa compreensão é fundamental. “Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2009, p. 131-132). A compreensão do sentido de um texto passa pelo encontrar, pelo saber e compreender o contexto de produção desse relato. No caso do texto sob análise, apreender seu contexto de criação, bem como estratégias utilizadas, colabora para que os efeitos de sentido se realizem conforme o percurso narrativo escolhido pelo narrador.

O texto a ser examinado é este:

Gênesis 2.18-14 (BÍBLIA, 1993)

*18 - Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.*

*19 - Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles.*

*20 - Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.*

*21 - Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne.*

*22 - E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe.*

*23 - E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.*

O texto acima referido, contém, como se verá, uma nítida flexibilidade da prosa como meio narrativo como sendo algo indispensável. No entanto, há que se frisar que culturas diferentes se utilizavam de mecanismos distintos para atingir um fim que era, em essência, o mesmo objetivo.

Assim, se formos em direção à Grécia, encontraremos em elaborações narrativas mitográficas em verso, como em Hesíodo e nos episódios mitológicos de Homero, muitas formas de tratamento dos temas, dos personagens e da causalidade que eram análogas à percepção bíblica da indeterminação e ambiguidade. Entretanto, os escritores hebreus se valeram com muito proveito da prosa, a partir da qual passaram a trabalhar (ALTER, 2007, p. 50).

Ressalte-se que o momento em que as histórias bíblicas referentes à criação e êxodo são transferidas da tradição oral para textos escritos, muito provavelmente, acontece durante o exílio de Israel na Babilônia. É durante os aproximadamente 70 anos de exílio que esses textos foram confeccionados. Entretanto, é necessário destacar que na cultura babilônica existia um conhecidíssimo poema referente à criação, chamado de *Enuma Elish*. Em tal poema, depois de derrotar a mãe primordial, Tiamat, o deus Marduk, anuncia:

Juntarei sangue e criarei ossos.  
Farei um selvagem, “homem” será o seu nome.  
Verdadeiramente, criarei um selvagem-homem.  
Ele será encarregado do culto dos deuses  
para que estes possam descansar (PRITCHARD, 1969, p. 68. Trad. nossa).

O referido recorte de texto afirma que Marduk compartilha com o Deus de Israel o trabalho antropomórfico de esculpir em carne e osso. Mas há que se ressaltar que o homem da narrativa acadiana é tão somente um objeto da ação e que sua única razão de ser é suprir as necessidades materiais dos deuses. Aqui o homem não pode ser o protagonista. O meio narrativo adequado é a epopeia mitológica, onde pressupõe-se que um herói está em plena ação, bem como não se permite a imagem de um herói pacato, simples e ordinário.

Entretanto, se analisarmos o texto contido em Gênesis 2, veremos com mais clareza como o escritor monoteísta trabalha não só com pressupostos teológicos diferentes, mas também com uma noção radicalmente distinta de gênero literário, a prosa. Herbert Schneidau chama essa escrita literária de “prosa fictícia historicizada” (SCHNEIDAU, 1977, p. 215).

Verifica-se, portanto, que contrapondo-se à fala exortadora de Marduk e de seus companheiros do panteão babilônico, o narrador do texto bíblico expressa a percepção de Deus quanto à condição do homem. No texto bíblico é Adão, o homem ordinariamente simples criado por Deus, que diz: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada”. O autor bíblico quer demonstrar que o homem criado pelo Deus de Israel é diametralmente

oposto do homem criado pelos deuses babilônicos. O Deus de Israel permite que o homem cumpra sua função de dar nome às coisas, o que significava àquela cultura um importante sinal de valor, honra e domínio.

Nessa mesma direção:

Depois de criada, a primeira tarefa explícita realizada por Adão é a de dar nomes aos animais (Gênesis 2.19). Assim, Adão se torna um participante da própria criação divina, pois os nomes despertam a verdadeira natureza ou essência daquilo que é nomeado. Desde o início da Bíblia, portanto, os seres humanos estão envolvidos na nomeação, um esforço que não apenas requer discernimento, mas também tem a função de sinalizar a autoridade daquele que nomeia (BOHMBACH, 2000, p. 945-946).

O Criador descrito no relato bíblico não é como os deuses caprichosos descritos na história da criação babilônica, que criam a humanidade meramente para atuar como servos dos deuses, estar à sua disposição e mantê-los contentes. Em Gênesis, o Deus que criou o mundo coloca homens e mulheres nele como ápice do que trouxe à existência. “A própria criação é descrita como um lar maravilhoso preparado para a humanidade, um lugar em que ela pode viver, prosperar e desfrutar da presença da companhia íntimas do próprio criador” (GOHEEN, 2017, p. 45).

Destaque-se que quando o autor bíblico explicita que é o homem criado por Deus quem dá nome às coisas e inclusive, à mulher, a intenção que provavelmente permeia sua mente é a de contradizer outro relato criacionista, e, ao que tudo indica, o próprio *Enuma Elish*. Trata-se de uma construção textual diretamente dependente de sentido de outra ou outras construções.

O especialista israelense em estudos bíblicos Shematyahu Talmon afirma que

os antigos escritores hebreus desenvolveram de caso pensado a narrativa em prosa em substituição ao gênero épico, que, por seu conteúdo, estava ligado ao mundo do paganismo e que parece ter tido um importante lugar nos cultos politeístas (TALMON, 1978, p. 354).

Desse modo, no processo de rejeição integral das religiões politeístas e de suas expressões rituais, as canções épicas e o gênero épico em si foram eliminados do repertório dos escritos hebreus. Assim, parece que os narradores tinham em mente um movimento intencional de insubordinação da literatura bíblica contra a visão de mundo pagã.

Fundamental para um estudo literário da Bíblia é que essa rejeição ao politeísmo tenha tido consequências positivas importantes para a nova forma de expressão que os antigos escritores hebreus adotaram na formulação de seus propósitos monoteístas (ALTER, 2007, 48).

Nesse sentido, é importante ponderar sobre importância de se analisar a Bíblia enquanto literatura. Tal leitura possibilita ao estudioso conhecer das estratégias narrativas e, a partir do conhecimento dessas estratégias, entender o porquê do percurso narrativo adotado nas narrativas bíblicas. No caso sob análise, percebe-se que o cuidadoso zelo quanto ao gênero literário contribui enormemente na própria construção do povo de Deus.

Essa abordagem, como já afirmado, não faz das histórias e relatos bíblicos menos confiáveis. Antes, significa que os narradores se utilizaram de ferramentas narrativas complexas para tornar conhecidos e confiáveis fatos históricos e notórios. Uma dessas ferramentas foi a escolha cuidadosa do gênero literário por meio do qual os relatos seriam compartilhados.

Sendo assim, fica subentendido que o narrador bíblico conhece o contexto babilônico e o poema *Enuma Elish*. Isso porque faz todo o esforço para demonstrar que o mito da criação sob a luz do Deus de Israel nada tem a ver com qualquer outro relato ou história, a começar pela escolha do gênero literário. Trata-se, certamente, de uma estratégia missional do autor, visando o convencimento do receptor do texto acerca das informações nele contidas. O leitor concluiria facilmente que o Deus de Israel e o deus acadiano são muito distintos, que o Deus de Israel se expressa de maneira diferente, quanto aos seus atos de criação, e, principalmente, que o Deus de Israel tem um propósito muito mais amplo e nobre para o ser humano por ele criado, uma vez que permite ao ser humano, como já afirmado, a importante função de dar nome às coisas. O Deus de Israel convida o ser humano a ser parte importante na construção do mundo.

No estudo da análise literária, o valor da atuação do ser humano, ou, no caso, dos personagens, deve receber cuidadosa atenção. Nesse sentido, João Leonel afirma que “textos narrativos se constroem a partir dos personagens que interagem e com isso desenvolvem o enredo” (LEONEL, 2013, p. 127). Assim, se a partir de determinada abordagem de pesquisa a conclusão acerca da importância do ser humano nas narrativas bíblicas causa alguma estranheza, a partir do estudo da Bíblia enquanto literatura, tal conclusão será natural, tendo em vista que os próprios “elementos constitutivos de uma narrativa são: narrador, tempo, cenário, *personagens* e enredo” (LEONEL, 2013, p. 118. Grifo nosso).

A escolha literária do relato do Gênesis distancia a divindade descrita, seu poder, suas ações, sua obra e a perspectiva de mundo de relatos cosmogônicos semelhantes. Dessa forma, o relato cosmogônico de Israel convida ao engajamento e relacionamento

com um Deus em missão<sup>6</sup>. Cabe ao leitor uma resposta e engajamento em relação à missão, e na formação da cultura missionária presente na geração e desenvolvimento da comunidade de fé.

## **A PROSA E O CONVITE PERMANENTE AO ENGAJAMENTO À MISSÃO**

A prosa, que deu aos escritores uma extraordinária flexibilidade e ampla diversidade de recursos narrativos, podia ser usada para libertar os personagens ficcionais da rígida coreografia de acontecimentos atemporais e fazer da narrativa não mais uma repetição ritual, mas uma exploração de sendas imprevistas da liberdade humana, das peculiaridades e contradições de homens e mulheres considerados como agentes morais e focos complexos de razão e sentimento (ALTER, 2007, p. 48).

No gênero “prosa” o ser humano é valorizado, convidado a participar da nomeação das coisas e a ser parte da construção de uma história. A prosa permite uma ideia de inconclusibilidade, não acabamento, dialogismo. O autor do relato criacionista bíblico deixa um espaço para a resposta do ser humano, seja positiva ou negativa. Não há desfecho. Pelo contrário, existem possibilidades, onde as ações dos homens e mulheres envolvidos são imprescindíveis no decorrer da construção.

Nesse sentido, tal inconclusibilidade, que não seria possível de ser percebida em um relato criacionista em gênero épico, encontra na prosa terreno fértil para prever, explicitar e respaldar alternativas e hipóteses embasadas na vontade de Deus para a humanidade. Assim, a partir de Gênesis capítulo 1, versículos 26 a 28, vemos que “o criador incumbiu o ser humano de ser ‘sub-rei, vice-regente ou administrador’ de toda a criação. Devemos dominar sobre a criação a fim de que a reputação de Deus seja realçada em seu reino cósmico” (GOHEEN, 2017, p. 44).

O conceito acima mencionado conhecido no campo da teologia como “mordomia”<sup>7</sup> não poderia ser desenvolvido a partir de uma história advinda de um relato criacionista épico. Haja vista, não existirem quaisquer relatos épicos que, de alguma forma, preveem uma continuação quanto às suas histórias no sentido de conceber a participação do ser humano no desenvolvimento da humanidade. Isso é

---

<sup>6</sup> Não somos nós que devemos cumprir uma missão de salvação no mundo, é a missão do Filho e do Espírito mediante ao Deus Pai que inclui o povo de Deus (BOSH, 2014, p 466-470).

<sup>7</sup> A administração da propriedade por um servo em nome de seu proprietário, e mais particularmente nos tempos modernos, a promessa organizada de uma quantia específica de dinheiro a ser dada regularmente à Igreja, geralmente designada como “mordomia cristã” (CROSS; LIVINGSTONE, 2005, p. 1553).

inconcebível em uma história sob o gênero literário “epopeia”! Apenas o relato bíblico criacionista prevê tal continuação de participação na história do ser humano.

Em seu livro “O Drama das Escrituras”, Michael Goheen separa a história da humanidade, ou a grande história, ou a metanarrativa, em seis atos. O primeiro ato fala da criação de todas as coisas; o segundo ato, da queda do ser humano de seu estado inicial; o terceiro, da redenção iniciada a partir de Israel; o quarto ato aborda a vinda do Rei Jesus e a redenção realizada; o quinto ato fala da missão da igreja e o sexto, da redenção concluída e da volta do Rei do reino (GOHEEN, 2017, p. 09).

Desse modo, a partir do pensamento de Goheen,

o objetivo da obra redentora de Deus é restaurar sua criação dos efeitos do pecado. Em sua morte, Jesus derrotou o pecado e, a partir de sua ressurreição, inaugurou uma nova era de salvação e restauração. O banquete do reino está pronto para ser desfrutado, mas ainda não está servido. Antes, mais povos precisam ser reunidos à mesa do banquete para que também possam experimentar do poder renovador da era vindoura. Esse período intermediário, após a primeira vinda de Jesus e antes de seu retorno, é um período de missão para o Cristo exaltado, para o Espírito e para a igreja (GOHEEN, 2017, p. 205).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se a partir da presente análise que, de fato, todo texto carrega consigo fragmentos, ideias, valores e contra-argumentos em face de outros textos preexistentes. Assim, a compreensão adequada do relato criacionista bíblico dependia (e ainda depende) de um adequado pré-conhecimento a respeito de outros relatos criacionistas, em especial, do relato criacionista “*Enuma Elish*”.

Sendo assim, a própria forma de leitura de qualquer documento nunca é isenta de pressupostos e motivações ideológicas subjetivas e apresenta pressupostos em sua composição e formação. Entretanto, isso não minimiza o convite à leitura e resposta do leitor que sempre é incitado a uma ação em relação ao que lhe é apresentado, mesmo que isso ocorra séculos depois, ou em continentes antes desconhecidos, inimagináveis e incomunicáveis.

O presente artigo convida a uma reconsideração metodológica da leitura e análise da Bíblia enquanto literatura, que em termos gerais, é recente e necessita, bem como merece, de mais estudos e pesquisas para um adequado desenvolvimento da área. Entretanto, é intrigante que jamais encontraremos alguém que afirma que estuda *Dom Quixote*, *Dom Casmurro* ou *Grande Sertão Veredas* “como” literatura. As referidas obras são literatura e esse fato não precisa ser enunciado.

Com a Bíblia dá-se o mesmo (Ou ao menos, deveria). Ela é “literatura”, embora na prática religiosa seja comumente lida quase que exclusivamente a partir do viés religioso. Como dito anteriormente, a leitura e análise da Bíblia enquanto literatura não deve inutilizar ou desfavorecer outras leituras e análises, mas sim trazer uma abordagem auxiliar e complementar, pois tal conhecimento possibilita ao leitor atual transpor séculos de distancia social, econômica, cultural e geográfica, a fim de perceber que o autor do relato criacionista bíblico se utilizou de várias ferramentas para demonstrar que o Deus a que se referia nada tem a ver com o deus ou deuses mencionados nos relatos presentes em outras culturas da mesma época.

Ainda, o leitor atento perceberá que o próprio gênero literário utilizado pelo autor bíblico foi pensado prévia e intencionalmente com uma finalidade específica. Essa finalidade específica não tem função ou finalidade própria, pois cabe ao leitor uma ação ou reação a partir do que foi apresentado. Isto é, cabe ao receptor do texto responder ao que o texto lhe propõe. Diante da explicação acerca da criação do mundo e do governo soberano de Deus sobre todas as coisas, os leitores obrigatoriamente deverão agir, reagir, pensar e repensar acerca de suas vidas e de suas jornadas de fé.

Essa ação não cabe somente ao primeiro leitor, mas “ultrapassa” o narrador e pertence àqueles que têm contato com o texto. Mesmo que de maneira inconsciente ao leitor, e que séculos depois o sentido aplicado possa ser distinto, o leitor verifica no relato a intenção e distinção desejada pelo narrador de Gênesis na narrativa criacional. Como percebido neste breve estudo, o relato bíblico se distancia de outros relatos presentes em outras sociedades de período próximo. No entanto, essa percepção demanda, independentemente da época e do lugar em que esteja o leitor, um posicionamento e engajamento a fim de responder ao texto.

Algo importante a ser compreendido é que a história não está repleta de detalhes interessantes por mera e feliz coincidência. Há que se perceber que o compositor desenvolveu o seu relato de maneira minuciosa a fim de transformar a sua audiência. O narrador usa técnicas sofisticadas para contar suas histórias, desenvolvendo personagens e conflitos, construindo suspense com deliberação, apresentando seus relatos para que os leitores tenham insights e respostas específicas. O autor deseja causar algum tipo de impacto em sua audiência.

Não é a intenção deste artigo sanar todas as questões quanto ao tema proposto. Pelo contrário, trata-se apenas de um breve apanhado de provocações, que, por sua vez, trazem mais questões e reflexões, visto que o assunto é extremamente extenso e pouco

examinado, podendo desencadear discussões complexas e profundas. Ademais, conforme analisado, o gênero literário escolhido pelo narrador do relato criacionista bíblico permite ao ser humano fazer parte da grande e inconclusa história da humanidade, engajando-se e participando. Na prosa isso é possível!

Enfim, ao olhar para a sabedoria bíblica é fácil perceber, desde os primeiros relatos, que Deus está convidando a humanidade a participar do que ele está fazendo. Deus faz isso a partir do interior das histórias já conhecidas da Bíblia, quando escolhe homens e mulheres para transformar suas histórias e usá-las para sua glória, como fez com Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Elias, Eliseu, dentre outros. Mas Deus faz isso também a partir do exterior das histórias, por assim dizer, quando usa diversos autores e compositores, verdadeiros tapeceiros das palavras, para contar, recontar, criar e recriar, histórias que durariam séculos e milênios, e que desafiaram e ainda desafiam a humanidade a responder às ações de um Deus assustadoramente complexo e assustadoramente grande, porém, gracioso e relacional

Se, de fato, Jesus Cristo é o Senhor da história, então ele é Senhor das histórias bíblicas. É Senhor dos personagens nela contidos, dos seus enredos e tramas. É Senhor sobre a vida dos diferentes autores que compuseram o cânon bíblico. É Senhor, inclusive, sobre a confecção dos textos, gerindo a história da plantação da sua igreja, desde os primórdios, até no que respeita à escolha do gênero literário utilizado em cada estrutura ou recorte textual. Jesus é o Filho do Homem, que segundo o profeta Daniel (7.13,14), detém toda a autoridade, poder, majestade e domínio.

Atualmente existem inúmeras estratégias, abordagens e treinamentos para otimizar o trabalho referente à atuação dos pastores e líderes das igrejas, visando melhor servir, conduzir e nutrir suas comunidades cristãs. Com certeza, tudo o que existe é muito bom e é presente de Deus para o preparo e capacitação da igreja. No entanto, é importante que essa mesma igreja tenha a profunda convicção de que tais estratégias não são características exclusivas das comunidades cristãs do século 21. As estratégias dadas por Deus a seu povo para que fosse construída uma comunidade missional existem desde as civilizações mais remotas e distantes. Nada é novidade, pelo menos não deveria ser.

O Deus revelado na Bíblia sempre esteve, está e estará no controle de toda a história, e inclusive no controle de como essa história é contada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira de (tradutor). **A Bíblia Sagrada**. Revista e Atualizada no Brasil. 2a Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Em espelho crítico**. Tradução de Sérgio Medeiros. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARR, James. **Fundamentalism**. Philadelphia: Westminster, 1978.

BOHMBACH, K. G. **Dicionário de Eerdmans da Bíblia**. Grand Rapids, W.B. Eerdmans, 2000.

CHATMAN, Seymour. **Story and Discourse**: Narrative Structure in fiction and film. Ithaca: Cornell University Press, 1978.

CHRISTOV, L. H. S; MATTOS, S. A. R. **Arte-Educação**: experiências, questões e possibilidades. São Paulo: Expressão e Arte, 2006.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE E. A. **Dicionário Oxford da Igreja Cristã**. Nova Iorque, Oxford University Press, 2005.

FRYE, Northrop. **The Great Code**: The Bible and Literature. Nova Iorque: Harcourt, 1982.

GOHEEN, Michael. **O drama das escrituras**. Tradução de Daniel Kroker. 1ª ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.

\_\_\_\_\_. **The church and its vocation**. Grand Rapids, 2018.

LEONEL, João. **Mateus, o Evangelho**. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

MARGUERAT, D. e BOURQUIN Y., **Para ler as narrativas bíblicas**. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

NEWBIGIN, Leslie. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**. São Paulo: Editora Ultimato, 2016.

POWELL, Mark Allan. **What is narrative criticism?** Minneapolis: Fortress Press, 1990.

PRITCHARD, J. B. **Ancient near eastern texts relating to the Old Testament**. Princeton, 1969.

RICOEUR, Paul. **The Symbolism of Evil**. Michigan: Beacon Press, 1967.

SCHNEIDAU, Herbert. **Sacred discontent**. Los Angeles, 1977.

TALMON, Shemaryahu. **The comparative method in Biblical interpretation: Principles and problems**, Leiden, Göttingen Congress volume, 1978.

VON RAD, Gerhard. **Genesis**. London: S.C.M. Press, 1961.

WRIGHT, Christopher. **A missão do povo de Deus: Uma teologia bíblica da missão da igreja**. Tradução de Waléria Coicev. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ZABATIERO, J. P. T e LEONEL, J., **Bíblia, literatura e linguagem**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

#### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to analyze, in a brief and not exhaustive way, the missional persuasion strategies referring to the literary genre of the biblical reports used for the purpose of convincing the hearer or reader. It will be observed that, in this ideological clash, different and sophisticated discursive tools are used in favor of convincing the receiving public. For this analysis to be minimally perceived, we will present some challenges in the interpretation of the Bible as a literary work, as well as a brief analysis of the creation story present in Genesis 2.18-23, its argumentative nature and how the narrator's careful choices invite us to a real engagement in mission of God's people.

**Keywords:** Creationist story; narrative; prose; mission of God's people.

# QUALIDADES E DESAFIOS DO LÍDER CRISTÃO

*Paulo Cesar Tomaz<sup>1</sup>*

## **RESUMO**

Este artigo tem por alvo refletir sobre as qualidades e os desafios do líder cristão em seus mais variados aspectos. O exercício da liderança mostra-se presente nas mais distintas esferas da ação humana, tais como nas questões relacionadas à vida doméstica, a política, e em tantas outras áreas, como atividades profissionais e demais áreas ligadas às relações sociais. A liderança cristã, no entanto, se distingue destas áreas por possuir valores e princípios próprios, os quais se buscam enfatizar neste texto.

## **PALAVRAS CHAVES:**

Liderança cristã; Habilidades do líder; valores e princípios.

## **INTRODUÇÃO**

O exercício da liderança não está presente apenas na esfera cristã. Aliás, o mesmo está presente em todas as esferas da sociedade, quer seja como o pai junto a sua família, ou a mãe cuidando de seus filhos, ou mesmo um gerente administrando sua empresa, ou ainda um político no exercício de sua função pública. Todos esses exemplos e ainda tantos outros poderiam ser citados a fim de demonstrar que o exercício da liderança está presente em toda parte. James Hunter afirma de forma categórica: “sempre que duas ou mais pessoas se reúnem com um propósito, há uma oportunidade de exercer a liderança” (HUNTER, 2004, p. 24). Sendo assim, a prática da liderança está ao nosso redor, presente das mais distintas maneiras, estando relacionada a ambientes diversos, e dentro das mais variadas estruturas e organizações humanas, com objetivos específicos em cada área de sua influência.

Obviamente que o assunto aqui proposto não está relacionado à liderança no sentido amplo ou secular, ou apenas no fato de se exercer autoridade ou domínio sobre outros. O tema aqui abordado busca compreender a liderança no sentido cristão, focado em princípios ensinados pelo líder e mestre por excelência, o Senhor Jesus Cristo. Visto ser ele o único que possui toda autoridade nos céus e na terra, conforme afirmou no evangelho de Mateus (Mt 28.18), e de quem o apóstolo Paulo dá testemunho,

---

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia, Licenciado e Mestre em História, e Doutor em Ministério (D.Min.). É Capelão e Professor no Seminário Presbiteriano do Sul.

asseverando que Deus o fez assentar-se “à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro” (Ef 1.20-21).

## **QUALIDADES DO LÍDER CRISTÃO**

Ao analisar-se biblicamente o assunto relacionado à questão da liderança, logo se percebe que o líder chamado por Deus para o serviço sagrado não é um líder como outro qualquer. Não é alguém que luta por uma causa humana, com interesses meramente humanos, como política, ou liberdade, ou melhores salários, ou coisas semelhantes. Também não é um líder administrador de empresas, ou que vende algum tipo de produto no mercado. O líder cristão é, antes de tudo, alguém que foi vocacionado por Deus para uma tarefa ímpar: pregar o Evangelho do Reino e pastorear a igreja de Cristo.

Sendo assim, não é a eloquência o elemento de maior valor. Não é a habilidade na retórica a mais significativa. Não é a força física ou o poder de persuasão o que mais interessa. O líder cristão, para que cumpra sua missão e sirva a seu Senhor, precisa possuir qualidades não exigidas em outros meios seculares.

Abaixo seguem algumas características básicas e necessárias na vida daqueles que são separados por Deus para o serviço do Reino. Características descritas nas Escrituras Sagradas, o manual de cada cristão.

### **1. FIDELIDADE AO SENHOR**

A fidelidade é um requisito essencial ao líder que quiser melhor servir ao Senhor. São inúmeras as citações bíblicas que registram o fato de que manter uma vida em fidelidade ao Senhor é preponderante. A Bíblia narra a experiência em que Miriã e Arão, após murmarem contra Moisés, foram severamente punidos. É interessante observar que na ocasião o próprio Senhor foi quem saiu em defesa de seu servo Moisés, declarando que este se mostrara fiel em todo o seu proceder para com Deus, conforme é descrito no livro de Números (Nm. 12.6-8).

A Bíblia demonstra que Deus está sempre à procura de homens e mulheres que se mostrem fiéis a Ele, a fim de cumprir Sua soberana vontade. Quanto a isso Habecker

comenta: “Essa busca parece não terminar (...). Os olhos do Senhor percorrem toda a terra para fortalecer os corações totalmente dedicados a ele (II Cr 16.9)” (HABECKER, 1998. p.216). Dos reis de Israel, como líderes perante o povo, esperava-se que estes fossem fiéis ao Senhor. Um destes reis é lembrado nas Escrituras como alguém que não foi totalmente fiel ao Senhor. Esse era o rei Amazias, que foi reprovado por Deus por buscar outros deuses e não o único Deus de Israel. Esse rei foi punido por Deus caindo por mãos de seus adversários, sendo descrito na Bíblia como alguém que serviu ao Senhor, porém “não com inteireza de coração” (2Cr 25.2).

Nas páginas do Novo Testamento o apóstolo Paulo é encontrado instruindo a seu filho na fé, Timóteo, acerca da importância da preparação de líderes ao ministério pastoral. Paulo recomenda que Timóteo tenha como missão transmitir os ensinamentos dele recebidos a homens fiéis e também idôneos, a fim de que o evangelho fosse por sua vez retransmitido a outros sucessivamente (2Tm 2.2). O Senhor requer que seus servos o sirvam com fidelidade e inteireza de coração.

## **2. OBEDIÊNCIA À PALAVRA DE DEUS**

O exercício da liderança, como já foi dito, pode ser aplicado a qualquer esfera da sociedade humana, estando presente na política, na administração de uma empresa, e em tantas outras esferas de atuação. Todavia, ao se tratar de liderança cristã, não há como se desvincular o exercício da liderança do compromisso do líder com os princípios e valores do Reino de Deus. São os limites estabelecidos pelas Escrituras Sagradas e a capacidade de obediência do líder para com a verdade revelada que irão demonstrar o sucesso do mesmo no ministério. O líder cristão receberá de seu Senhor, o soberano Deus, a aprovação ou a desaprovação naquilo que desenvolveu durante sua vida e ministério.

O líder necessita ter sensibilidade suficiente para discernir a vontade de Deus em sua vida, pois é de Deus que ele ouvirá naquele dia: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mt 25.21). Ou mesmo a reprovação por não ter atendido as orientações de seu Senhor, como aconteceu com o rei Saul, que após desobedecer a Deus, ouviu o Senhor falar por meio do profeta

Samuel: “Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras” (1Sm 15.11).

Sendo assim, a melhor receita para que o líder temente a Deus tenha uma vida de sucesso em seu ministério é a obediência à Palavra de Deus, e de fato, é essa a exortação que Deus deu ao seu servo Josué, quando este foi chamado para guiar o povo de Israel na conquista da terra de Canaã:

Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido. Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo por onde quer que andares (Josué 1.8-9).

Esse é o caminho, é na verdade a prova de que o líder está no caminho certo. As orientações pautadas nas Escrituras Sagradas é que ratificam um ministério bem sucedido e de acordo com a vontade de Deus. Na busca de sucesso na liderança, muitos se apóiam em conhecimentos e experiências de sucesso de líderes seculares, em técnicas empresariais e de marketing, ou ainda em algum outros subterfúgios oriundos do pensamento secular, mas nem sempre essa é a melhor opção. Quanto a isso Baxter acertadamente reflete:

Todo escritos não-bíblico deveria receber a estima e a crítica devidas, mas nenhum poderá ser comparado com a Palavra de Deus. Não recusamos seu trabalho, mas não os aceitamos como rivais ou competidores da Escritura. A perda de prazer na excelência da Escritura é sinal de coração desordenado (BAXTER, 2008, p. 101).

O testemunho e as orientações da Palavra de Deus não podem ser trocados ou desmerecidos na vida do líder que deseja cumprir seu chamado diante do Pai. A astúcia humana e a arte do conhecimento podem dar boas ferramentas de trabalho, mas somente a Palavra de Deus é que orienta corretamente no caminho que se deve seguir.

### **3. COMPROMETIMENTO COM O REINO**

As pessoas acreditam no líder quando este acredita em sua causa e está profundamente comprometido com ela. Maxwell assinala três pontos importantes no que diz respeito ao comprometimento, sendo eles: a) O comprometimento começa com o coração, b) O comprometimento é provado pela ação. C) O comprometimento abre a porta da conquista (MAXWELL, 2000, p.28,29).

De fato, se não houver comprometimento de coração por parte do líder, suas ações demonstrarão falta de compromisso e falta de objetividade, pois ele não se envolverá plenamente com aquilo que estiver fazendo, não se concentrando nos alvos que tiver proposto. Jesus sempre pediu de seus discípulos um comprometimento absoluto com o Reino de Deus. Ele falou ao jovem rico para dar seus bens aos pobres e segui-lo. Ele mandou que seus discípulos negassem a si mesmos a fim de seguirem o caminho da verdade com abnegação.

Comprometimento com o Reino de Deus é o primeiro passo para a possibilidade de conquista. Nisto podem ser citados como exemplo dois personagens do Velho Testamento, Josué e Calebe, que ao serem desafiados a entrarem na terra prometida, não titubearam, não duvidaram das promessas de Deus. Mesmo diante dos desafios, estavam prontos para desapossarem da terra os gigantes de Canaã. Somente estes dois servos do Senhor, comprometidos com a vontade do Deus de Israel, quarenta anos após o primeiro momento de espiar a terra, é que entraram efetivamente na terra prometida. As palavras de Calebe, já com a idade de oitenta e cinco anos, foram notórias ao pedir a terra da promessa, Hebrom, ao seu comandante Josué:

Estou forte ainda hoje como no dia em que Moisés me enviou; qual era a minha força naquele dia, tal ainda agora para o combate, tanto para sair a ele como para voltar. Agora, pois, dá-me este monte de que o SENHOR falou naquele dia, pois, naquele dia, ouviste que lá estavam os anaquins e grandes e fortes cidades; o SENHOR, porventura, será comigo, para os desapossar, como prometeu (Josué 14.11-12).

Calebe pôde subir e enfrentar os seus inimigos, depois de tanto tempo, pois estava comprometido com sua vocação, com a conquista da terra, crendo plenamente nas promessas que o Senhor havia dado a seus pais. Torna-se necessário lembrar que “o verdadeiro comprometimento inspira e atrai as pessoas” (MAXWELL, 2000, p.28). Calebe inspirou seu exército a fim de superarem os desafios e conquistarem a terra. Na verdade, a determinação de Calebe estava em seu coração, ele jamais havia duvidado das promessas dadas por Deus a Moisés. Ele sabia o que significava confiar em Deus.

O coração – a vida interior, delineada principalmente pela confiança – orienta nossas motivações. Estas estabelecem nossos valores, que por sua vez governam nossas ações. E é a partir dele que flui nosso destino – em última análise nossa influencia e nosso valor (THRALL, 2005, p. 90).

O líder necessita estar comprometido com os seus alvos. Seu coração necessita pulsar com suas aspirações, a fim de que seus liderados assumam também essa mesma confiança e sigam em frente, na conquista dos objetivos propostos. Tal como fez Calebe, que motivou com sua confiança os guerreiros que com ele estavam a fim de subirem a desapossar os inimigos que habitavam a terra de Hebrom.

#### **4. INICIATIVA E DINAMISMO**

É interessante observar que muitos dos grandes líderes descritos na Bíblia foram homens de forte iniciativa e dinamismo. Suas convicções de fé os levaram a enfrentar grandes obstáculos a fim de cumprirem seu chamado. O jovem Davi é um desses exemplos, pois não titubeou ao desafiar o gigante Golias por este insultar o Deus de Israel. Davi, ainda moço, não duvidou do cuidado de Deus em sua vida. Depois de matar o leão e o urso que ameaçara seu rebanho de ovelhas, agora, diante do grande desafio chamado Golias, confiantemente declara ao rei Saul: “O SENHOR me livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará das mãos deste filisteu. Então, disse Saul a Davi: Vai-te, e o SENHOR seja contigo” (1Sm 17.37).

Os discípulos de Cristo, após a ressurreição do Mestre, compreenderam a profundidade da mensagem que deveriam trazer ao mundo, e da autoridade que lhes fora dada em nome de Cristo. Não temeram as autoridades romanas e qualquer coação para que se calassem e não anunciassem a Cristo Jesus. Os discípulos Pedro e João, ao serem ameaçados ante as autoridades para que não mais falassem a respeito de Jesus Cristo, confiantemente declararam diante das autoridades locais: “julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4.19-20).

Outro exemplo claro de determinação foi a vida do apóstolo Paulo, apóstolo aos gentios, que era categórico ao afirmar suas convicções e sua determinação em anunciar o Evangelho de Cristo em lugares ainda não alcançados. O apóstolo, ao falar de sua lista de dificuldades e provações que enfrentou em suas viagens missionárias, diz com clareza que nada o impediria de cumprir com sua vocação e determinação em pregar a mensagem de redenção em Cristo Jesus. Paulo mesmo é quem declara: “em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o

ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (Atos 20.24). Essa era sua convicção, e ele mesmo declara que, por meio de sua determinação em cumprir com dinamismo seu ministério entre os gentios, acabou por trabalhar mais que todos os outros apóstolos no anúncio da mensagem do Evangelho (1Co 15.10).

Ao citar algumas qualidades que capacitam os líderes “a fazerem as coisas acontecerem”, Maxwell destaca: “Eles sabem o que querem; eles se esforçam pela ação; eles correm mais riscos, eles cometem mais erros” (MAXWELL, 2000, p.70,71). E ainda: “Dentre todas as coisas que um líder deve temer, a complacência é a que deveria encabeçar a lista” (MAXWELL, 2000, p.68). O líder convicto não teme as represálias e os desafios que estão diante de si. O próprio Senhor Jesus advertiu a seus discípulos que estes seriam perseguidos por causa da justiça, por causa de Seu nome. Mais nisto mesmo seriam bem aventurados (Mt 5.10-11).

## **5. ATITUDE DE SERVO**

O líder cristão precisa assumir uma postura de servo, assim como o Senhor Jesus Cristo que, sendo modelo para os demais, veio como servo, veio para servir. Quando dois discípulos disputavam com os demais sobre a preeminência que teriam quando o Reino de Cristo fosse instaurado, o Mestre os advertiu com as seguintes palavras:

Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Marcos 10.42-45).

Como cristãos cada discípulo é chamado a servir, seguindo o exemplo do Senhor Jesus, o qual deixou sua glória divina para assumir uma posição de servo entre os homens (Fp 2.7). Assim deve se portar todo aquele que almeja alguma posição de liderança no corpo de Cristo, na igreja. O líder cristão é aquele que serve, é aquele que exerce liderança não para usufruir um local de destaque, não para aproveitar-se da posição que ocupa, mas para servir ao próximo, servir ao seu semelhante, com os dons que Deus lhe deu.

Steve Miller, ao destacar sobre as virtudes necessárias para a vida de um cristão de valor, assinala que um líder que se dedica ao trabalho do Reino necessita ter as seguintes qualidades: Abnegação, bondade, humildade, obsequiosidade, generosidade, diligência e sinceridade (MILLER, 2004, p. 70-87). Tais características são citadas como estando presentes na vida de Charles H. Spurgeon, um grande líder cristão, reconhecido pela influência de seu ministério na igreja da Inglaterra. As atitudes de servo e as demais qualidades cristãs não devem ser buscadas como uma fonte que dará ao líder um lugar de fama ou de destaque. Na verdade, se essa for sua motivação, tal pessoa já terá perdido sua característica de servo. A maior recompensa que um servo terá é a de ser semelhante ao seu próprio mestre, como Jesus afirmou: “não é o servo maior do que seu senhor” (João 15.20).

## **6. ESTAR ABERTO A APRENDER**

Todos devem saber que como ser humano nunca o indivíduo estará completo neste mundo. Um dos grandes inimigos do crescimento pessoal e do aprendizado é a arrogância de quem acha que já sabe tudo. Como seres humanos todos devem saber que jamais serão senhores do conhecimento. O máximo que se pode fazer é tornar-se especialista em alguma área. Sempre haverá caminhos novos a serem trilhados, experiências a serem aprendidas. John C. Maxwell, ao tratar sobre o assunto da necessidade de educabilidade na vida de um líder, diz o seguinte:

Ironicamente, a fala de educabilidade muitas vezes está enraizada na realização. Algumas pessoas erroneamente acreditam que, se elas podem alcançar determinada meta, não precisam mais crescer. Isso pode acontecer em qualquer situação: ao obter um diploma, uma posição cobiçada, uma recompensa pessoal ou ao atingir uma meta financeira (MAXWELL, 2000, p.130).

O que se percebe hoje em dia na vida de muitos é a estagnação, o comodismo, a conformidade com a situação e a inércia. Se na vida diária muitas pessoas se acomodam com aquilo que alcançaram, saltam aos ouvidos as exortações bíblicas para que não haja conformidade com o presente século, com a situação vigente (Rm 12.1-2). O apóstolo Paulo diz de si mesmo que não estava conformado com o que havia alcançado, mas tinha um alvo a sua frente, um caminho a trilhar em sua vida cristã. Ele escreve: “Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-

me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.13-14).

O alvo do apóstolo Paulo estava sempre à sua frente, o prêmio da soberana vocação em Cristo Jesus. Da mesma forma o líder cristão não pode se acomodar, mas sim buscar melhor equipar-se a fim de servir a Cristo cada vez mais, e com maior eficiência. Não existem atalhos na vida cristã, o melhor caminho é o caminho do crescimento, da busca pelo conhecimento, pelo aprimoramento tanto espiritual como intelectual. Um líder melhor preparado certamente poderá ser mais valioso nas mãos de Deus. Não é à toa que ao líder cristão a preparação acadêmica é um fator indispensável, urgente e necessário. Paulo orienta ao jovem líder Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

## **7. RESISTÊNCIA PARA SUPORTAR AS PRESSÕES**

O líder cristão está sujeito a grandes pressões em seu ministério, muitos destes chegam ao ponto de se exaurirem e alguns até retrocedem, abandonando o ministério para o qual foram chamados. John Stott assim comenta sobre a realidade da pressão a que os líderes estão sujeitos: “As pressões sobre os líderes cristãos são intensas e talvez até mesmo inevitáveis. Os líderes são os que levam as críticas feitas à instituição; têm a responsabilidade de tomar decisões difíceis; não dispõem facilmente de tempo para a família, nem para tirar férias” (STOTT, 1999, p. 11).

Acrescentando a isso Stott ainda menciona as decepções do líder quando seus discípulos não desenvolvem a vida cristã como esperado, chegando até mesmo a se afastarem da igreja e da prática da vida cristã. Stott adiciona a isso o problema da solidão enfrentada pelos líderes em sua caminhada ministerial (STOTT, 1999, p. 11). Todas estas dificuldades podem vir a provocar desânimo e frustração na vida do servo de Deus, pois são pressões reais e mais comuns do que se pensa na caminhada do líder cristão.

Desafios como esses podem ser bem ilustrados ao se examinar as Escrituras Sagradas e se observar a vida de líderes como Moisés, o grande legislador, que sofreu a

pressão do povo de tal forma que quase veio a desanimar, pois o povo murmurou no deserto devido à escassez de comida e o calor naquele ambiente ermo. Diante daquela angústia e pressão Moisés chegou mesmo a pedir para si a morte, pois a carga que carregava mostrou-se pesada em demasia sobre seus ombros (Nm 11.14-15). Outro personagem que também é lembrado ao angustiar-se devido à pressão do ministério é o profeta Elias, que após desafiar os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal no monte Carmelo, fugiu e se escondeu no deserto por causa das ameaças da Rainha Jezabel, que prometeu tirar-lhe a vida. Elias, sob grande pressão, semelhantemente a que Moisés sofreu, chegou a pedir para si a morte, devido à angústia que invadiu seu coração (1Reis 19.4). Outros personagens bíblicos poderiam ser citados a fim de acrescentar a lista exemplos de pressão no ministério. É, todavia, digno de nota, o fato de que estes dois profetas, no momento de angústia, não foram desamparados por Deus. Pelo contrário, foram consolados e reconfortados pelo Senhor. A Moisés, Deus levantou outros setenta anciãos de Israel para que o auxiliassem na tarefa de conduzir tão grande povo (Nm 11.16-17). A Elias, Deus deu um sono revigorante e um anjo renovou suas forças lhe dando pão e água a fim de caminhar até Horebe, onde o Senhor se revelou a ele e o orientou sobre o que ainda deveria fazer (1Reis 19.5-18).

Calcados nestas citações bíblicas pode-se facilmente concluir que é o Senhor da seara a fonte das forças e do vigor capaz de renovar a alma do líder que porventura se sinta demasiadamente cansado na fadiga do ministério. É Deus quem renova suas forças e os habilita a persistirem com confiança na tarefa que lhes foi confiada.

## **8. VIDA DE ORAÇÃO E DEPENDÊNCIA DE DEUS**

Uma das grandes necessidades de um líder cristão é indiscutivelmente a prática de uma vida de oração. Ser cristão e não manter uma prática de oração é algo incoerente. Muitos personagens bíblicos podem ser citados como modelos a serem seguidos. No Velho Testamento muitos líderes são descritos como homens de oração, tais com o próprio Abraão, homem ao qual Deus falava de perto, chamado de amigo de Deus (Tg 2.23). Ou mesmo Moisés, que demonstrou íntimo relacionamento com Deus, e clamou muitas vezes, intercedendo e orando a favor do povo de Deus (Êx 8.12,30; 10.18;15.25; 17.4; Nm 11.2; 12.13; 21.7). Samuel também foi homem de oração. E por que não falar

do próprio rei Davi? Estes são exemplos de líderes que oraram e buscaram constantemente a face de Deus.

No Novo Testamento o Senhor Jesus ensinou seus discípulos a orarem, dando a eles um modelo de oração a ser praticado (Mt 6.9-13). Modelo que serviu de inspiração para a igreja no decorrer dos séculos, e que hoje continua inspirando a igreja em todos os momentos. Se Jesus ensinou seus discípulos a orarem e dependerem do Pai, fica notório que o líder cristão bem sucedido necessita ter uma vida de oração e dependência de Seu Senhor.

A oração ensina o homem a ser dependente de Deus, T. Forsyth assim escreve: “Quando deixamos de esperar pela orientação e força de Deus, estamos dizendo com nossas ações, senão com nossos próprios lábios, que não precisamos dele” (HABECKER, 1998, p. 263). Grandes líderes do passado, homens que foram verdadeiros instrumentos nas mãos de Deus, sempre defenderam a necessidade de uma vida de oração como obrigação primária aos que ocupam posição de liderança.

Eugene Habecker aponta algumas razões por que as pessoas no geral, e os líderes em particular, muitas vezes negligenciam a prática da oração. Dentre essas razões o autor destaca que muitos encaram a oração como um dever ou disciplina, com algo a ser feito, como uma mera tarefa. Outros ainda negligenciam a oração por julgá-la como uma prioridade secundária em meio a tantos outros afazeres a se cumprir. Outra causa segundo ao autor é o problema do egocentrismo, pois muitos pensam que as pessoas precisam tornar-se autossuficientes para alcançar o máximo de seu potencial, e orar acaba por demonstrar aparente fraqueza. Outra causa ainda apresentada pelo autor é o fato de que a oração sincera não permite que o crente use disfarces (HABECKER, 1998, p. 265-268). Nesse sentido, todo aquele que se apresenta diante de Deus tem de se confrontar com seus próprios erros e presunções, pois segundo T. Forsyth “a comunicação com o Deus Onipotente inibe a nossa presunção” (HABECKER, 1998, p. 267).

Todas estas razões demonstram o quanto é difícil manter uma vida de oração intensa e constante, pois as responsabilidades diárias da vida, as demandas do dia a dia, as agendas constantemente lotadas, mesmo sendo estas atividades voltadas aos assuntos do Reino, são um grande obstáculo para que o líder seja uma pessoa de oração. Muitos

acabam se comportando mais como Marta, ocupada em muitos afazeres, do que como Maria, assentada aos pés do Mestre.

## **9. VIDA EM PUREZA E SANTIDADE**

O líder cristão precisa cuidar de sua vida pessoal no que tange a santidade e pureza de coração. Sendo humano, todo líder carece dos mesmos cuidados pessoais que qualquer outro. A verdade é que ser um líder cristão não isenta ninguém, não dá imunidade contra as fraquezas da carne, pelo contrário, o líder deve guardar-se ainda mais, para que possa honrar a Deus em seu ministério. Quanto a isso Richard Baxter comenta: “Pregar bem poderá ser útil e possível para a salvação de outros; mas, sem a santidade do próprio coração e da vida, será impossível que o pastor seja, ele mesmo, salvo” (BAXTER, 2008, p. 55). O apóstolo Paulo, ao refletir sobre sua vida pessoal escreve:

Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado (1Co 9.25-27).

Baxter, em seu livro, faz importantes advertências quanto à necessidade do líder cristão manter uma vida de santidade diante de Deus e dos homens. Ele salienta que todos os seres humanos possuem uma natureza moral depravada. Argumenta também que o próprio tentador aflige mais ao líder do que aos outros homens. Também que há muitos olhos fitos nas vidas e nas palavras daquele que está à frente do rebanho. Baxter também assevera que os pecados dos líderes têm agravantes mais severos do que os pecados de outros homens, e explica, entre outras coisas, que isso ocorre porque o líder tem mais responsabilidade sobre seus erros em relação aos outros devido à luz que recebeu, pois conhecem mais (BAXTER, 2008, p. 52-57). Essa realidade é exposta pelo Rev. Hernandes Dias Lopes nas seguintes palavras:

Se a vida do pastor é a vida do seu ministério, os pecados do pastor são os mestres do pecado. Os pecados do pastor são mais graves, mais hipócritas e mais devastadores do que o pecado das demais pessoas. Mais graves, porque o pastor peca com maior conhecimento; mais hipócritas, porque o pastor denuncia o pecado em público e o pratica em secreto; e mais devastadores, porque, quando o pastor peca, mais pessoas ficam escandalizadas (LOPES, 2008, p. 32).

Quanto a essa responsabilidade, a de manter uma vida santa e pura diante de Deus, a Bíblia faz sérias asseverações, visto que o líder deve glorificar a Deus diante de seus liderados. Tiago diz claramente aos que desejam exercer liderança: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1). O apóstolo Paulo, ao instruir seu filho Timóteo, exorta seu nobre aluno: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (1Tm 4.12). E mesmo Jesus advertiu seus discípulos sobre a necessidade de uma vida de constante consagração diante de Deus nas seguintes palavras: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41).

O líder cristão necessita de uma vida piedosa, voltada aos valores e virtudes que glorifiquem a Deus. Joel R. Beeker salienta:

É impossível separar uma vida piedosa vibrante de uma espiritualidade vibrante e de um ministério orientado para Deus. A santificação de nosso próprio coração não é uma espécie de experiência de torre de marfim, mas uma necessidade absoluta – tanto pessoalmente quanto em relação ao nosso chamado como ministros do evangelho – se quisermos viver para a glória da Deus (ARMSTRONG, 2007, p. 60).

Os valores referentes à santidade de vida são ingredientes necessários e esperados da vida de um líder. Muitas vezes, com tristeza, observa-se a queda de grandes líderes cristãos, com escândalos que atingem sua vida moral, por não cuidarem de sua santidade, deixando que a pureza fosse excluída de seus corações.

## **10. HONESTIDADE E FIDELIDADE**

A vida financeira e a postura do líder cristão quanto a questões que envolvem o dinheiro devem também ser bem observadas. Paulo, ao instruir Timóteo adverte que “o amor do dinheiro é raiz de todos os males” e que “alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1Tm 6.10).

Lidar com a área financeira pode mostrar-se uma tarefa difícil. O dinheiro pode ser uma bênção no Reino de Deus, pois Deus pode ser glorificado através dos bens e das posses de seus filhos. O dinheiro, todavia, pode, por outro lado, ser um laço aos materialistas e gananciosos. A primeira característica positiva do líder cristão nessa área

deve ser a de não amar ao dinheiro, aos bens, e as posses. Jesus ensina a combater a ganância e o materialismo com a prática da generosidade: “Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Lc 12.33-34). No entanto, o líder cristão é digno de seu sustento, e Paulo recomenda que os pastores que trabalham com dedicação no ministério pastoral devam ser devidamente recompensados: “Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino.” (1Tm 5.17). A questão central nesse assunto é que o cristão não deve “servir” aos bens materiais, mas deve utilizar-se destes para servir o Reino de Deus.

## **11. DESEJO DE FAZER DISCÍPULOS**

A tarefa ministerial deve estar centrada no discipulado. Essa foi a maneira como Jesus ordenou que a igreja se multiplicasse. Jesus, antes de sua ascensão ao Pai ordenou: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.19-20).

Tem-se aqui não apenas uma ordem direta de Jesus em como os discípulos deveriam se portar, mas também uma estratégia de crescimento para a igreja. Estratégia essa da qual o próprio Senhor Jesus havia se servido em seu ministério. Foi Ele, Jesus, quem escolheu os doze a fim de instruí-los para que fossem colocados como cabeças da igreja, posteriormente. A igreja, conforme descrita no livro de Atos, cresceu fundamentada na doutrina dos apóstolos (Atos 2.42), doutrina essa, oriunda do Senhor Jesus.

Sendo assim, a instrução de Cristo aos discípulos e a toda sua igreja é de ir, fazer discípulos, batizá-los e ensiná-los a guardar os mandamentos que Ele deixou. Jesus prometeu que continuaria com sua igreja, e assim o fez e continua a fazer, por meio de Seu Espírito Santo, que passa a habitar cada coração regenerado, cada coração a Ele convertido. O apóstolo Paulo compreendeu bem o mandamento e a estratégia do

discipulado, pois soube transmitir esse ensino a Timóteo, jovem líder, nas seguintes palavras: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2.2).

O processo de fazer discípulos requer, porém, muita dedicação e esforço, não é um processo apenas metódico e automático, pois “vai requerer mais do que instrução ou lições estruturadas. Esse processo requer o envolvimento de um relacionamento de confiança, de exemplo, de revelação do nosso coração e da nossa fé ao discípulo que, por sua vez deve imitar o padrão de fé do seu mestre” (SITTEMA, 2004, p. 173).

O líder de verdade não foi chamado para viver no “estrelato”, para “brilhar sozinho”. Existem hoje em dia, infelizmente, muitos líderes que se acham importantes de mais, e que não estão dispostos a “dividir sua glória” como outros. São líderes, quem sabe, até mesmo de grandes multidões, que pecam em querer atrair discípulos para si mesmos e não para o Senhor Jesus. Muitos até se vangloriam em suas próprias denominações ou instituições religiosas e não dão a devida glória ao Senhor da seara. O líder deve ser humilde, como Cristo ensinou: “aprendei de mim” (Mt 11.29), não desejando de forma alguma, ofuscar a glória pertencente ao Mestre, o Supremo Pastor (1Pe 5.4). O ministério eficaz não é aquele que morre com seu fundador, mas que perdura mesmo após sua partida, pois está fundamentado em Cristo Jesus, o Senhor da igreja.

A tarefa do discipulado não é uma tarefa fácil, pode não produzir resultados imediatos, mas certamente deixará frutos permanentes. O líder que desse processo se ocupar treinará outros líderes, que no seu tempo treinará outros mais, conforme a instrução do apóstolo Paulo, a ponto de perpetuar essa multiplicação de forma contínua e consistente. Discipular, todavia, demanda tempo e dedicação, demanda cuidado e disposição, tal como Jesus fez com os seus doze discípulos. Discipular é um caminhar diário com o discípulo, é ter paciência enquanto o outro amadurece, é instruir e aguardar resultados que, muitas vezes, não aparecerão de imediato, mas em tempos distantes.

## **12. SABEDORIA EM ACONSELHAR COM AMOR**

O apóstolo Paulo em seu discurso em Mileto, quando se despedia dos líderes da igreja de Éfeso, fez a seguinte admoestação: “Atendei por vós e por todo o rebanho

sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.” (Atos 20.28). Esse apelo de Paulo é inequívoco, o líder cristão foi chamado por Deus para pastorear o rebanho que foi comprado com o sangue do próprio Cristo. Essa tarefa é primordial na vida do líder, pois o mesmo não foi chamado apenas para liderar uma organização religiosa, como um regente faz com um coral. Foi chamado, no entanto, para pastorear, para cuidar do rebanho de Deus, tal como o pastor de ovelhas que pacientemente cuida dos nem sempre dóceis animais do rebanho, dando-lhes alimento, água fresca, local de descanso e provendo tudo que lhes for necessário para a sobrevivência, muitas vezes em uma terra inóspita e ameaçada por lobos vorazes.

Aconselhar é saber ouvir a necessidade do aflito e buscar diante de Deus uma resposta, não estando baseado apenas em preceitos humanos, mas fundamentado nos valores e preceitos contidos na Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus. Ao lidar com o aconselhamento pessoal é necessário se estar ciente de que “a base de uma boa relação é reconhecer que o valor humano é intrínseco, que se deve à criação e à redenção” (STOTT, 1999, p. 41), à criação porque todo ser humano foi criado por Deus, segundo sua imagem e semelhança (Gn 1.26), à redenção, porque Jesus Cristo pagou um alto preço pelo resgate, o seu próprio sangue vertido na cruz do calvário.

O líder que não sabe ouvir as pessoas não está pronto a liderá-las, visto que o pastor é aquele que ouve as aflições de seus discípulos e busca em Deus a resposta adequada. Maxwell, em seu livro, escreve: “Para conectar-se ao coração deles, use seus ouvidos” (MAXWELL, 2000, p.73). Como é possível conhecer seus liderados e conquistar seus corações se não estiver aberto a ouvir o que eles têm a dizer? O bom líder cristão é também um bom ouvinte. Muitas pessoas que carecem de cuidados pastorais necessitam expor suas crises e frustrações. Necessitam de alguém que os ouça, que lhes dê atenção e conheçam suas histórias e queixas. O bom conselheiro saberá ouvir e dar uma palavra sábia conforme a explanação das Escrituras Sagradas, pois somente uma orientação embasada nas Escrituras trará conforto para a alma aflita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve esboço não teve a pretensão de contemplar toda a complexidade de análise sobre a liderança cristã. Apenas observou brevemente acerca de alguns pontos relevantes e necessários na jornada do líder cristão em um aperfeiçoamento na sua esfera de atuação. O bom líder é aquele que se dispõe a aprender com o Mestre dos Mestres, aquele que se dispõe a procurar nas Escrituras Sagradas os bons modelos de liderança a serem seguidos. A Bíblia, como manual do cristão, ensina os passos necessários e as qualidades indispensáveis a fim de que se exercite com temor e humildade a carreira da liderança.

No contexto cristão, liderança, como ensinou Jesus, é para aquele que está pronto a servir. O líder bíblico não ocupa uma posição de destaque para se promover, antes seu papel é o de servir o Reino de Deus e o próximo, como ensinou Jesus: “... o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lc 22.26). Esse é o papel do verdadeiro líder.

Grandes personagens na história de Israel não tinham, a princípio, as habilidades necessárias para exercer liderança. O próprio Moises se viu incapaz de tão grande tarefa: libertar o povo de Israel e guiá-lo pelo deserto até Canaã. Gideão, juiz em Israel, foi encontrado por Deus “malhando trigo no lagar” (Jz 6.11), com medo dos midianitas. Os primeiros discípulos de Jesus eram homens inexperientes, os quais foram arrebatados de trás das redes a fim de se tornarem pescadores de homens, como Pedro, por exemplo. Tantos outros, sem talento natural ou preparação prévia, foram forjados na experiência e se tornaram grandes líderes em meio ao povo. Outros ainda, aparentemente já se mostravam bem preparados, mas precisaram ser moldados pelo Mestre, antes do efetivo chamado para o ministério, como o apóstolo Paulo, por exemplo, que fora instruído aos pés de Gamaliel (Atos 22.3).

Existe também outro aspecto a ser observado, o fato de que todo líder pode aprimorar-se em suas habilidades a fim de servir melhor a seu Senhor. Os discípulos dos profetas caminharam com seus mestres a fim de se aperfeiçoarem em seus conhecimentos, tal como Eliseu seguindo a Elias, ou mesmo os apóstolos aprendendo com Cristo, ou ainda Paulo instruindo a Timóteo e a Tito. A caminhada cristã é via de aperfeiçoamento a ser trilhada pelo aprendiz durante o ministério. Paulo bem aconselha

a Timóteo, seu filho na fé: “Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (2Tm 4.5).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, John (Org). **O ministério pastoral segundo a Bíblia**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

BAXTER, Richard. **Manual pastoral de discipulado**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2008.

BENNIS, Warren. **Líderes : estratégias para assumir a verdadeira liderança**. São Paulo - SP, Harbra Ltda., 1988.

FINZEL, Hans ; Santos , Aparecida Araújo. **Dez erros que um líder não pode cometer**. São Paulo, Vida Nova, 1997.

HABECKER , Eugene. **Redescobrimo a alma da liderança**. São Paulo: Vida, 1998.

HAGGAI , John. **Seja um líder de verdade: liderança que permanece para um mundo em transformação**. Venda Nova: Betania, 1990.

HOWARD, J. Grant. **O líder eficaz**. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LOPES, Hernandes Dias. **De Pastor a Pastor**. Princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008.

MACARTHUR, John. **O Livro sobre liderança**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

MAXWELL, John C. **As 21 indispensáveis qualidades de um líder: siga-as e as pessoas o seguirão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

MILLER, Steve. **Liderança espiritual segundo Spurgeon**. São Paulo: Vida, 2004.

SITTEMA, John. **Coração de pastor**. Resgatando a responsabilidade pastoral do presbítero. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

STOTT, John. **Os desafios da liderança cristã**. São Paulo: ABU, 1999.

THRALL, Bill ; MCELRATH, Ken ; MCNICOL, Bruce. **A escalada de um líder**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

**Abstract**

The author aims to reflect on the qualities and challenges of the Christian leader in its most varied aspects. The exercise of leadership is present in the most different spheres of human action, such as issues related to domestic life, politics, and in so many other areas, such as professional activities and other areas related to social relations. Christian leadership, however, distinguishes itself from these areas in that it has its own values and principles, which are sought to be emphasized in this article.

**Keywords**

Christian leadership; Leader skills; values and principles.

# RESENHA



Seminário Presbiteriano do Sul

SMITH, James K. A. *Aguardando o Rei: Reformando a Teologia Pública*. São Paulo: Vida Nova, 2020. 256p.

*Tiago de Melo Novais*<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Desde que James K. A. Smith foi traduzido para o português em "Você é aquilo que ama" (2017), o autor vem ganhando notoriedade em solo brasileiro e desafiando pontos importantes da teologia – principalmente da tradição reformada. Sua fenomenologia do amor (a partir da obra de Agostinho) e as lentes litúrgicas para a cultura estão entre as suas maiores contribuições, tanto para os estudos teológicos *stricto sensu*, quanto nos diálogos interdisciplinares, como na antropologia filosófica da religião, a teologia prática e política, os estudos em educação e cultura, dentre outros. Smith tem formação tanto teológica quanto filosófica e, como doutor e professor de filosofia, atua no Calvin College (EUA) com a cadeira Gary & Henrietta Byker em Teologia reformada e Cosmovisão<sup>2</sup>.

A obra que iremos introduzir, intitulada “Aguardando o Rei: Reformando a Teologia Pública” foi publicada no Brasil neste ano de 2020 pela editora Vida Nova, sendo o terceiro e último volume de sua série "Liturgias Culturais", que tem por pressuposto a formulação de uma teologia litúrgica com forte influência agostiniana, bem como da tradição Neocalvinista e da Ortodoxia Radical – movimento teológico fundado pelo teólogo inglês John Milbank. Nesta série de três livros<sup>3</sup> o autor discorre sobre temas como educação, culto e cultura, cosmovisão cristã, filosofia da religião e teologia pública, oferecendo suas contribuições para uma grande gama de problemáticas contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião na PUC Campinas, parte do grupo de pesquisa “Religião, Linguagem e Cultura”. E-mail: tiago-melo@hotmail.com.br.

<sup>2</sup> Informações biográficas disponível em: <<https://jameskasmith.com/about/>> acesso em: 26 jul. 2020.

<sup>3</sup> Os livros em português desta série são, respectivamente: *Desejando o Reino: Culto, Cosmovisão e Formação Cultural* (2018); *Imaginando o Reino: a dinâmica do culto* (2019); *Aguardando o Rei: Reformando a Teologia Pública* (2020). Todos os referidos títulos foram publicados pela editora Vida Nova.

## UMA TEOLOGIA PÚBLICA NÃO ESPACIALIZADA, MAS AFETIVA

*Aguardando o Rei* é uma obra de grande amplitude no que diz respeito tanto aos sub tópicos abordados quanto às discussões enfrentadas pelo autor. A obra encontra como objetivo central a problematização teórica da teologia pública<sup>4</sup>, a saber, uma dimensão (ou modalidade) da teologia que trabalha a relação da fé cristã com os aspectos não privativos da vida humana, como os espaços públicos, a política e, no caso de Smith, da formação cultural da sociedade com sua herança religiosa e litúrgica. Dessa forma, James Smith se propõe a vestir lentes litúrgicas para repensar duas deficiências apontadas por ele no campo da teologia pública: a *especialização* da relação religião-política e a antropologia racionalista que domina os debates na área.

Em primeiro lugar, Smith problematiza o estabelecimento de fronteiras que pertencem à religião e à política, afirmando que tratar a relação de ambas por meio do prisma da *especialização* resulta numa incompatibilidade com a realidade social. Isso significa dizer que uma vez que a política não está confinada aos atos e jurisdições partidárias e a religião transita em âmbitos que fogem ao eclesial, a tarefa de estabelecer limites de seus espaços se torna, no mínimo, infrutífera, pois não capta o elemento central de distinção entre estas esferas. Para Smith, quando falamos de teologia pública “a sabedoria teológica sobre o político começa quando paramos de perguntar *onde* e passamos a perguntar *como*” (2020, p. 39). Assim, sua primeira contribuição pode ser entendida da seguinte forma: tanto a religião como a política serão melhor compreendidas em sua relação quando vistas menos como espaços sociais e mais como formas de vida, “constelações de amores, anseios e crenças amarradas em ritmos, rotinas e rituais comunitários.” (2020 p. 39). Outra forma de Smith pôr a questão é desfazendo, segundo ele, a distinção último-penúltimo feita pela teologia pública: ao último pertenceriam questões religiosas, ideias do que é o Bem, o sentido da vida, etc., enquanto ao penúltimo pertenceriam questões políticas, contendo consensos, transitoriedades sociais, etc. – Quase um equivalente à diferenciação sobrenatural-natural. O que resulta daí é que no olhar do filósofo canadense os empreendimentos de teologia pública têm apartado a ação religiosa da ação política, a fim de manter questões

---

<sup>4</sup> Na obra, como se apresenta na tradução em português, James K. A. Smith não faz distinção entre os termos “teologia pública” e “teologia política”. Por seu próprio uso ou escolha editorial, foram ignoradas as possíveis definições divergentes entre ambos.

políticas livres de direções confessionais e tratar separadamente (especializadamente) as duas esferas. No entanto, quando o autor observa o liberalismo político dominante no Ocidente, nota que o orgulho de sua “penúltimidade” (e, portanto, neutralidade) em relação ao último, acaba por criar mecânicas seculares próprias de pecado, expiação, *escaton* e outras disposições e hábitos (verdadeiramente litúrgicas) que são formativas e parecem não se contentar com a posição de ocuparem somente o penúltimo. Além disso, para ele, mesmo sem a intenção, as configurações penúltimas acabam por desaguar em visões últimas quando, politicamente, são traçadas definições do que constitui o bom, o justo e o correto. Nessa lógica, captamos a ideia de Smith ao indagar o seguinte: leis boas e justas seriam boas e justas em qual concepção de bem e justiça?

Em segundo lugar, a causa dessa espacialização da relação religião-política é também o fator motivador para os esforços de Smith: uma antropologia filosófica a ser reformulada. Sua ideia é a de fornecer para essa discussão uma imagem do ser humano que seja suficientemente cristã e realista. Para isso, antes de formular suas críticas e dar argumentos sobre a presença cristã no político, o autor deseja atestar que a discussão da teologia pública está imbuída de um racionalismo antropológico. Disso se segue que a esfera política é imaginada como se fosse a atuação de homens racionais movidos por ideias e ideais na ocupação de cargos e formulação de políticas. A ilustração usada pelo autor em outra obra para esclarecer essa noção é a praça pública povoada por cérebros grudados em palitos, isto é, atores políticos movidos por conceitos e ideias racionais<sup>5</sup>. Assim, para Smith, o que essa visão deixa escapar é a capacidade formativa no âmbito prático da vida política, presente em disposições e hábitos institucionais. Para ele, o que fazem os indivíduos serem moldados e a esfera política ser definida, são, na verdade, liturgias presentes na atitude política. Assim, nosso autor veste, por assim dizer, lentes teológicas-litúrgicas – mais especificamente agostinianas – para concluir que mais que animais racionais, o ser humano é um animal litúrgico, movido pelo desejo.

---

<sup>5</sup> Em “Você é aquilo que ama”, James Smith faz uma larga crítica ao racionalismo cartesiano e sua antropologia, fazendo com que o fator erótico, por assim dizer, seja predominante numa antropologia filosófica que se propõe a ser cristã. Sua formulação do desejo e a ligação deste com os amores (no sentido de *eros*) compõem a sua proposta. Portanto, no lugar de “você é aquilo que pensa”, o autor afirma: “você é aquilo que ama”. Ver: SMITH, James K. A. *Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

Essa conclusão de Smith, por mais rápida que seja em nossa apresentação aqui, precisa ser levada em consideração, principalmente por contar com um dos antecedentes teóricos mais fundamentais na teologia cristã: Santo Agostinho. Evocando o teólogo antigo, James Smith se utiliza da obra *A Cidade de Deus* como uma ferramenta analítica da sociedade. A forma como isso ocorre é interpretando a obra como uma avaliação dos ritos e amores do império romano, em oposição aos ritos e amores dos cristãos, que compunham o elemento formativo das duas *pólis*: a cidade de Deus e a cidade dos homens. Para Agostinho, o que as diferencia não são instâncias espaciais (daí sua crítica acima), mas sua adoração e seus amores. Isto é, saberemos o que um povo ama se soubermos o que ele adora. Dessa forma, diz Smith, reconhecemos que “as liturgias de uma cultura são os scripts corporificados que formam nossos amores e moldam nossa devoção” (2020, p. 47). Consequentemente, no objetivo de *Aguardando o Rei*, essa antropologia litúrgica (*homo adorans*) se torna a pressuposição cristã que Smith necessita para apontar algumas contribuições à teologia pública.

## **UM OLHAR LITURGICO DO PLURALISMO E A FORMAÇÃO DE VIRTUDES**

Levando em conta as lentes litúrgicas postas pelo autor, iremos apresentar as críticas e propostas no tema específico da teologia pública reformada – tema central da obra. Assim, quando se trata do âmbito político relacionado ao religioso (numa perspectiva agostiniana), a discussão travada por Smith desemboca no maior desafio presente para a teologia pública: o pluralismo. Como veremos, isso envolve uma crítica interna, pois é direcionada principalmente ao neocalvinismo e a forma como essa tradição a qual Smith pertence tem empregado os conceitos de “graça comum” e “esferas de soberania” frente aos desafios contemporâneos da pluralidade num contexto de liberalismo político – ou democracia liberal.

Para esse objetivo, o autor toma como garantido a ideia de que tanto o liberalismo político clássico tem heranças cristãs, quanto os neocalvinistas acabaram por obter certas características do liberalismo secularizado. Dessa forma, são postas duas críticas: a) a necessidade do reconhecimento da providência divina manifesta na história política do Ocidente – desautorizando o uso de graça comum desapropriadamente; b) a

qualificação do conceito de esferas de soberania, a fim de conservar o papel de gerenciador de comunidades promotoras de virtudes – sem recorrer à naturalização do Estado liberal.

Em primeiro lugar, James Smith realiza uma exposição acerca do que chamou de “crateras do Evangelho” no Ocidente. Esse conceito consiste em recuperar a noção de que a sociedade como conhecemos atualmente deriva, em muito, seu desenvolvimento político da fé cristã, concretizada na ação da igreja durante os séculos passados. Assim, ele afirma que “o Estado com que deparamos (e desafiamos) é, sob certos aspectos, filho da *ekklesia*” (2020, p. 114). O que resulta daí é que tanto as políticas de pluralidade, separação da igreja-Estado, dentre outras realizações ocidentais no campo político, foram possibilitadas por essa herança teológica e pela prática litúrgica da adoração cristã. Nas palavras de Smith:

podemos dizer que a igreja foi uma legisladora não reconhecida da *polis* da modernidade tardia, um corpo político cujos insights (revelação) e práticas (liturgia) geraram visões, teorias e ritos que transbordaram para os ritmos das nações e as litâneas de autocompreensão que chamamos de ‘constituições’. (2020, p. 114)

Por conseguinte, James Smith acompanhado das obras de Oliver O’Donovan, compõe o material histórico necessário para afirmar que esses dois aspectos da fé cristã citados acima (revelação e liturgias) foram responsáveis por produzir grandes marcas no Ocidente – resumidas na democracia liberal moderna, sendo entendida como a concretização das “crateras” deixadas pela cristandade. Porém, apesar de reconhecer a necessária influência cristã, também é preciso reconhecer que o liberalismo democrático como presenciamos se voltou contra seu “criador” e acabou se tornando em um filho pródigo, por assim dizer, e em seu distanciamento decidiu abandonar qualquer crença religiosa e adotar a neutralidade *última*. Nesse duplo reconhecimento (de filiação e distanciamento) do liberalismo é que “não deveríamos fechar a porta a ele, e sim procurar meios para recebê-lo de volta” (2020, p. 134). O que Smith quer dizer com isso é que o âmbito político que nos deparamos não nos deve ser estranho, pois “deveríamos ver as semelhanças familiares de um irmão” (2020, p. 134).

A implicação direta dessa percepção da herança cristã do liberalismo político é de que a teologia pública que evoca e encoraja o conceito de graça comum no político, precisam antes ter em conta uma teologia da providência. Em outras palavras, olhar para

a história do Ocidente e perceber a influência cristã será mais necessário que apelar para a graça comum no político hoje, já que a primeira possibilitou a ação de não crentes na política, com atuação tal que se confunda com a operação da graça comum. Ao invés disso, Smith efetua o que lhe parecer ser a correta distinção entre os dois conceitos e, assim, valoriza a ação da revelação especial (e não geral) exposta nas marcas da história do Ocidente. Isto é, “falar de graça comum é frequente onde falta uma teologia da providência” (SMITH, 2020, p. 146). Portanto, o kuyperianismo deslocado da história, serve mais à lógica liberal do que reconhece a ação de Deus sobre a *polis* terrena – e coloca a graça comum como *deus ex machina* para a discussão da validade do pluralismo moderno.

Em segundo lugar, o conceito neocalvinista que merece atenção na dimensão da teologia pública é o de soberania de esferas. O conceito, inicialmente kuyperiano, foi desenvolvido por Dooyeweerd, mas seriamente criticado por Smith somente na aplicação deste sobre a pena de Jonathan Chaplin. Este último advoga o conceito de “pluralismo normativo”, que em poucas palavras concebe o papel do Estado kuyperiano na função de reconhecer a condição do *saeculum*, que por sua vez se encontra em ampla pluralidade confessional. Por consequência, o Estado não poderia, uma vez que *escáton* não ocorreu ainda, extirpar essa pluralidade. No entanto, para James Smith há um incômodo claro no que diz respeito a invocar a neutralidade do Estado a partir do conceito de esferas de soberania. Para ele, sustentar este pluralismo a partir de Kuyper acaba por se tornar uma “naturalização” do Estado, aceitando-se “os padrões epistêmicos da secularização” (2020, p. 165). Além disso, o autor também critica a distinção de Chaplin entre uma verdade direcional – confessional, sobre a existência – e verdade política – ordem normativa, sobre a vida social –, que daria base para o Estado imparcial na visão de Chaplin, mas transforma o Estado numa instituição pretensamente neutra para Smith. Assim ele diz:

Trata-se de um tipo estranho de distinção para um neocalvinista fazer. Por que qual ‘verdade’ não é impregnada de compromissos direcionais? Qual ‘verdade’ não segue as normas das ordenanças divinas para a criação? [...] A vida política não é uma esfera da realidade criaturística sobre a qual Cristo reivindica seu senhorio? O Estado, portanto, não é também responsável perante esse senhorio em sua especificidade evangélica? (SMITH, 2020, p. 165)

Em resumo, contra o pluralismo de princípios (confessional) embutido na ideia de soberania de esferas, Smith defende que a proposta de Chaplin se parece como um pedido tímido do cristianismo de assento à mesa do liberalismo político naturalizado e secularizado.

Para essas críticas e deficiências da teologia pública reformada, Smith aponta a solução: repensar a participação política a partir de disposições e hábitos formados por comunidades religiosas, resultando em virtudes para a sociedade. Isto é, para o filósofo canadense, uma disposição teórica é insuficiente, pois é mais necessário dar atenção à *formação* dos atores políticos do que *informações* sobre as fronteiras das esferas. Alcançar esse objetivo depende, por essência, de uma antropologia filosófica compatível à proposta. Assim, para a vida harmoniosa em sociedades plurais como no Ocidente, algumas virtudes são indispensáveis (tolerância, humildade, paciência). Por outro lado, estas só são adquiridas por meio de comunidades que se apresentam como “incubadoras de virtudes”, pois configuram em seus participantes certos hábitos e disposições sociais que o liberalismo necessita. Assim, as igrejas e outras comunidades religiosas são também indispensáveis para os propósitos postos pelo próprio liberalismo – relacionando-os sem a tentação de fundi-los, como num sistema Igreja-Estado.

Nesse sentido, o objetivo de James Smith é o de devolver a importância política das comunidades religiosas (como formadoras de virtudes) e chamar as comunidades eclesiais (a cristandade) à serem evangélicas politicamente. Em resumo, Smith propõe uma *teologia pública eclesial*. Por sua vez, esse empreendimento não se apoia nem no liberalismo político, nem em sua base natural da lei, mas na atividade divina na história com seus hábitos formados a partir da revelação especial. Em suas palavras: “Isso sugere uma teologia política cristã enraizada na substância do evangelho e nas práticas específicas da comunidade cruciforme que é a igreja” (2020, p. 177).

Por fim, percebemos que as soluções teóricas de James Smith para a teologia pública resultam na exposição da função central e definidora dos amores e liturgias na vida política – seja da *pólis* terrena ou da *pólis* divina. Nessa lógica, a colaboração cristã na política ocorre sem antítese absoluta, nem convergência total, mas *ad hoc*, mediante avaliação de graus de convergência entre elementos penúltimos presentes na política do liberalismo e suas liturgias religiosas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Aguardando o Rei* traz grandes contribuições possíveis para a teologia reformada, principalmente porque James Smith coloca em xeque certos elementos teóricos que estão presentes em quase todo empreendimento de teologia pública. Sob estes empreendimentos, o autor põe o desafio de se tornarem evangélicos à luz da revelação especial, bem como o de estarem ancorados numa antropologia distintamente cristã. No entanto, a obra nos parece ter pouca capacidade de descolar-se de um ideal inexistente de cristandade em que se apoia, a saber, apresentando as contribuições positivas (as “crateras”) deixadas por esta no Ocidente, mas não adicionando suas deformações ao longo da história como parte da somatória que resultou na modernidade e liberalismo político. É certo que ao final do texto o autor propõe alguns estudos de caso de deformações causadas pela liturgia cristã e pela igreja (racismo escravocrata e violência em Ruanda), tentando reparar o anteriormente utilizado tipo ideal da “cristandade benéfica ocidental”. Porém, como não foram utilizados como parte da soma anterior, acabam por não mudar o cenário propício do Ocidente que foi criado sem levar em conta os danos da história da igreja. Dessa forma, ironicamente, mesmo revogando a necessidade de historicidade para a teologia pública reformada (quando critica Chaplin e em certa altura tece crítica também a Kuyper por ser idealista demais na formulação de graça comum), a base empírica escolhida, acompanhado de O’Donovan acaba também por se apresentar incompleta – prejudicando assim a aplicação de suas propostas na vida concreta e nas dinâmicas política atuais.

Desse modo, nos parece que Smith não distingue o que seriam as “crateras” e o que seriam os “muros” que a modernidade e política herdaram da cristandade. Além do mais, James Smith coloca provocações eclesiais que dificilmente terão validade contextual em outros países, como no Brasil, uma vez que as comunidades religiosas cristãs são mais plurais (e sincréticas) e carecem de um arcabouço litúrgico que dê condições para a formação de virtudes a partir de seus hábitos institucionais – tendo como base a liturgia descrita na obra. Apesar disto (e em conclusão), suas provocações teológico-filosóficas são de grande contribuição para os próximos modelos de teologia pública reformada, dando um novo fôlego para repensar as pretensas neutralidades

seculares da política, repensar o uso desmedido dos conceitos de graça comum e soberania de esferas, além de repensar a própria antropologia filosófica usada como ponto de partida para as discussões entre religião e política. A leitura é válida, importante e provocativa, principalmente para todos que anseiam por uma presença cruciforme e fiel de cristãos *da polis eclesial nesse saeculum – na polis terrena*.

ALLEN, Michael; SWAIN, Scott R. *Reformed Catholicity: The Promise of Retrieval Theology and Biblical Interpretation*. Grand Rapids: Baker Academic, 2015. 168pp.

*Thiago Machado Silva*<sup>1</sup>

One of the main characteristics that have marked Protestantism, since its origins, is the significant emphasis given to the Scriptures, whose importance can be understood, in a sense, from a voracious criticism of the excessive weight given to tradition, a posture that has since translated the distinction between Roman Catholics and Protestants. Amid this controversy, Michael Allen and Scott R. Swain ask, “can Christians and churches be catholic and Reformed? Can they commit themselves not only to the ultimate authority of apostolic Scripture but also to receiving this Bible within the context of the apostolic church?” The authors suggest that the best way to understand the slogan of the Reformation – *sola Scriptura* – is within the framework of the catholicity of the church.

*Reformed Catholicity* is a great contribution to the field of retrieval theology. The authors claim that to be Reformed means to be catholic, drawing from elements, practices, and texts from the early church in order to meet the Reformed church’s actual challenges (p. 4). The thesis of this study is that “there are Reformed theological and ecclesiological warrants for pursuing a program of retrieval, that we can and should pursue catholicity on Protestant principles, and that pursuing this path holds promise for theological and spiritual renewal” (p. 13). According to Allen and Swain, the concept of catholicity is fundamental to retrieval theology. However, the purpose of the book is not to develop a full dogmatic treatment of retrieval theology “but rather to offer exploratory excursions into some of the major theological places where we have found examples and principles of Reformed theology that might commend an embrace of Christian tradition (both catholic and Protestant)” (p. 13). These exploratory excursions are offered in five chapters.

Chapter 1, “*Learning Theology in the School of Christ: The Principles of Theology and the Promise of Renewal*,” argues that the renewal of theology happens not when one moves towards a more prominent modern theology but when one retrieves a

---

<sup>1</sup> Mestre (ThM) em Teologia Sistemática pelo Calvin Theological Seminary (2016) e doutorando (PhD) em Teologia Sistemática pelo Puritan Reformed Theological Seminary. É professor de teologia sistemática do SPS e pastor da Igreja Presbiteriana do Jardim Santana, em Limeira/SP.

more profound tradition and resources (p. 17). The authors affirm that theology is done in the School of Christ and the School of Christ is the church; “the anointing of Christ dwells within the church, the church is the seedbed of theology, the fertile creaturely field within which alone Christ’s teaching has the promise of flourishing in renewed human understanding” (p. 18). In the church, the riches of Christ are made known (Eph. 3:18). Furthermore, the authors argue that in the church there is a tradition, and “one cannot make real progress in the quest for understanding apart from a tradition;” (p. 20) that is, apart from the history of the church. Although the tradition of the church can err, it is a divine institution and a fundamental source for theology. To pay attention to the historical tradition of the church is to pay attention in the way the Holy Spirit worked and has been working through the ages. As the authors put it, “Tradition is the church’s stance of abiding in and with apostolic teaching through time, the ‘creaturely social coefficient’ of the Spirit’s activity as the internal cognitive principle of theology” (p. 34). The first chapter concludes with this summary: “the church is the school of Christ, taught by the Spirit of Christ; the church is the seedbed of theology that flourishes by the anointing of Christ” (p. 46). Therefore, before moving forward, theology is done by looking back in the history of the church.

Chapter 2 concentrates on “*The Catholic Context*” of the *Sola Scriptura* (p. 49) in conversation with one of the reformers called Martin Bucer. The first important thing highlighted by the authors is that “*sola Scriptura* was not intended by its original advocates in the time of the Reformation as an absolute rebuke to tradition or a denial of genuine ecclesial authority.” Instead, “it was a spiritual characterization of the nature of that authority and the role of that tradition” (p. 49). Scripture is taught and understood within a church context, therefore, *sola Scriptura*, understood in its original context, does not mean that we should neglect tradition. According to Allen and Swain, our “commitment to *sola Scriptura* enhances our reception of the catholic fullness of the church’s past” (p. 50-51). *Sola Scriptura* is not an individualistic task done by a Biblicist that neglects the whole church history in order to understand Scripture alone by itself. On the contrary, “*sola Scriptura* operated within a catholic context that shaped the confessional, catechetical, and liturgical life of the early Reformed churches” (p. 70). In order to better understand Scripture today, we need to take into account the exegetical work done by our church fathers and the tradition of those who came before us.

Chapter 3, “*Biblical Traditioning*,” argues for the final authority of Scripture in

relation to the tradition of the church. The authors write that “biblical authority is located amid the triune economy of grace as it inaugurates a communion of saints. . . the lived theology of the Reformed churches demonstrated a commitment to *sola Scriptura* amid a concern to embrace the catholic faith and practice of Christ’s church” (p. 71). When one reads Scripture, one does it from a certain hermeneutical (interpretive) church tradition. Thus, Scripture and tradition are not two opposite things.

The purpose of Chapter 4, “*A Ruled Reading Reformed: The Role of the Church’s Confession in Biblical Interpretation*,” is “to provide an argument for a ruled reading of Holy Scripture on the basis of Reformed theological and ecclesiological principles” (p. 96). The question asked here is, what is the role of the church’s confession in biblical interpretation? The authors suggest that, “the role of faith is an ecclesiastical authorized representation of scriptural teaching whose hermeneutical function is to provide not only a starting point for biblical exegesis but also to direct exegesis to its goal, which is the exposition of each particular text of Holy Scripture within the overarching context and purpose of the whole counsel of God” (p. 99). In summary, the church should be understood as a teaching authority instituted by God to read and teach Holy Scripture, which is our ultimate authority.

In chapter 5, “*In Defense of Proof Texting*,” the authors highlight three charges that have been brought against proof texting. First, “proof texting fails to honor the specific contexts of biblical texts” (p. 119). Second, “proof texting too easily suggests that doctrinal language is the biblical language with no sensitivity for the horizon of the interpreter or the hermeneutical task involved in working with the biblical language” (p. 120). And third, “proof texting interacts with ecclesiastical history rather than biblical history” (p. 122). However, the authors affirm that proof texting “has biblical [as well as historical] precedent and therefore should not be too hastily dismissed.” (130).

*Reformed Catholicity* leads us to think about the church in a humble and conscious connection with the past: The Church fathers, the Reformers, and the liturgical, devotional and missional practices of the past. One cannot speak of contextualization as if the historical present was not in continuity with the past. The present is not a replacement for the past. The church must learn how to be theologically and spiritually renewed by retrieving the past in order to move forward.

The Church cannot fulfill its reformation task if it loses the ability to be a tradition, to preserve the gifts of Christ throughout the centuries, and to recognize these gifts in the body of Christ. Theologians and pastors need the Christian tradition to assist

them in biblical interpretation in order to help the church fulfill its mission in the world. The same Spirit of God that inspired Holy Scripture, has illuminated and helped believers throughout the history of the church, and therefore, to neglect the tradition is to neglect what the Holy Spirit has done in the history of the church.

As we look at our fathers through history, we learn from the mistakes and successes of those who came before us, we are nurtured and strengthened by the faith of these brothers from the past, and we are taught about the way God has acted in history preserving the truth of Scripture, and thus, we are convinced that we are not alone in our theological work. True knowledge of God is achieved in this community that is catholic. And within this catholic community, *sola Scriptura* means that our theological thinking is governed by special revelation and is not lost in speculations contrary to Scripture. In light of all this, a reformation is possible today in the rediscovery of the church's catholicity. Therefore, the way to move forward is by returning to a deep appreciation of the catholicity of Protestantism. That is what Allen and Swain propose in the *Reformed Catholicity*.

I recommend this book to all pastors and theologians who are in service of the Reformed church. The reading of this book enlightens our understanding of *Sola Scriptura* within the framework of Reformed catholicity. May we, as pastors and theologians, honor our tradition by seeking to answer the questions of today, starting with Scripture as the infallible principle and source of truth, but also paying attention to Christian tradition and to what God has already done in the history of the church.

# NOTÍCIAS INTERNAS



Seminário Presbiteriano do Sul

## **PALAVRA DO DIRETOR**

*Carlos Henrique Machado*

Como o mundo inteiro, o SPS enfrentou a pandemia da COVID-19 desde março de 2020, com aulas remotas, contando com a dedicação e compreensão de seus corpos docente e discente. Com a graça de Deus, demos conta do recado, e 24 alunos concluíram o curso:

- 1. Bruno José Lombardi**
- 2. Caleb Severino Marques**
- 3. Carlos Eduardo Martins**
- 4. Daniel Calmon Nolasco Abreu**
- 5. Davi Lamounier Heringer**
- 6. Diego Mendes Tescarollo Coelho**
- 7. Felipe Roberto Pelissari**
- 8. Felipe Erlacher Firme**
- 9. Jacson Schroer**
- 10. João Vinicius de Abreu**
- 11. Jonatas Correa Jacob**
- 12. Lucas dos Santos Miranda**
- 13. Marcos dos Santos**
- 14. Marcos Paulo de Souza**
- 15. Mateus Blaya de Freitas**
- 16. Roberto Gonçalves da Silva**
- 17. Robson Gonçalves de Lima**
- 18. Rodrigo Ribeiro Gonçalves**
- 19. Silvano Oseias de Souza**
- 20. Tafarel Thales Augustus Queiroz**
- 21. Thiago Iosviaki**
- 22. Vinicius Gabriel Nunes Coelho**
- 23. Willian Gonzaga da S. Lopes Jrº**
- 24. Yago Laguardia Guido Faria**

Em novembro, recebemos a lista dos 29 aprovados no Processo Seletivo 2021. Destes, 23 se matricularam, unindo-se às demais turmas que seguem com as aulas remotas em 2021.

## UMA PASTORAL

*Thiago Machado Silva, editor*

Os desejos do coração determinam a direção da vida e, finalmente, o destino eterno. Essa verdade simples, mas profunda, é óbvia, mas muitas vezes negligenciada. Para muitos de nós, a vida cotidiana é movimentada, pressionada, distraída e bombardeada com o que parece ser um fluxo interminável de tentações atraentes, projetadas para capturar nossa atenção e moldar nossos desejos. É um campo de batalha que pode facilmente sequestrar nossa vida espiritual. Como navegar pelas seduções deste mundo caído e seguir Jesus de firma fiel na vida cotidiana? A chave está no reajuste dos desejos do coração.

Mas será que o desejo em si é o problema fundamental? Essa é certamente a visão do Budismo, que vê o desejo como a raiz do sofrimento e procura extingui-lo. Também tem sido a visão de vários filósofos e religiosos da história. Alguns na igreja consideraram os desejos por comida, sono e sexo como obstáculos à vida espiritual e chegaram a extremos não-bíblicos ao se abster destas coisas, mesmo que sejam boas dádivas de Deus para a humanidade e tragam bênçãos quando usados adequadamente.

As Escrituras nos mostram que o desejo não é inerentemente mau; ele pode ser bom ou ruim, dependendo se ele está centrado em Deus (desejo teocêntrico) ou centrado em si mesmo (desejo egocêntrico). Deus nos fez como criaturas que possuem desejos e vontades. Sua intenção ao fazê-lo era que nosso desejo fosse focado nEle e em Sua vontade – que Ele fosse o amor maior e o desejo supremo escolhido livremente pelos nossos corações, o único objeto de nossa adoração. Quando nossos desejos estão centrados em Deus, eles são bons e cumprem seu papel. Mas quando eles são egocêntricos, quando nossos desejos são capturados pelas coisas do mundo caído e pela natureza pecaminosa, eles se tornam desejos desorientados. ***Desejos egocêntricos refletem nossos amores desordenados.***

Vemos isso na história de Adão e Eva, que eram originalmente criaturas inocentes que amavam a Deus, viviam em perfeita harmonia com Deus, consigo mesmos e com a natureza, e viviam em um mundo não corrompido. Eles caíram não porque foram tentados pela serpente para “serem como Deus” (Gn 3.5), mas porque desejaram e agiram de acordo com a proposta tentadora. Em vez de rejeitarem imediatamente a tentação como contrária à vontade de Deus, eles escolheram considerá-

la. Ao fazê-lo, sua atratividade aumentou e o desejo egoísta por ela cresceu e o pecado foi concebido. Finalmente, deu à luz o pecado, e eles comeram o fruto. Essa escolha deliberada de satisfazer seu desejo egocêntrico – agradar a si mesmos em vez de Deus – trouxe morte espiritual.

A morte espiritual que Adão e Eva experimentaram resultou em uma profunda transformação em seus corações. A rebelião e o desejo por autonomia destruíram o relacionamento harmonioso que sempre tiveram com o Deus que os amava, deixando-os alienados de Deus e um do outro. A imagem de Deus na qual eles foram criados tornou-se profundamente corrompida. A centralidade em Deus de sua inocência anterior não governava mais os desejos de seus corações. Em vez disso, o egocentrismo dominaria seus desejos.

Mas Deus foi misericordioso e não deixou Adão e Eva – e nem a nós – em completa escuridão. Um remanescente de Sua imagem permanece e com ele um vazio em forma de Deus no coração humano. As pessoas perdidas normalmente experimentam esse vazio como uma vaga sensação de que algo está faltando – de que há mais na vida do que o que encontraram até agora. Isso leva a uma inquietação na alma, uma sede, um desejo por “algo” indefinido que está faltando. Na tentativa de encontrá-lo, as pessoas tropeçam e apalpam as trevas espirituais, buscando substitutos para satisfazer o vazio da alma. No Israel antigo, imagens de pedra e madeira representando deuses da natureza eram comuns. Hoje, significado, propósito, sucesso, poder, prosperidade, carreira, posses, prazer, fama, diplomas, paz, segurança e felicidade – são substitutos comuns.

Qualquer que seja o substituto, ele se torna uma questão de extrema preocupação em torno da qual as pessoas organizam suas vidas. De uma perspectiva bíblica, a preocupação final de uma pessoa é o objeto de sua adoração. Embora o supremo e único objeto digno de adoração seja Deus, em toda a Bíblia vemos seres humanos regularmente criando substitutos – ídolos – em vez de adorar o Deus vivo e verdadeiro. Mas esses ídolos nunca podem satisfazer total ou permanentemente o coração inquieto da humanidade decaída, e continuamos sedentos por esse “algo” indefinido que está faltando. É por isso que Deus exorta os que estão atolados nas trevas e no engano a receber Sua graça:

*Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor,*

*naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comi o que é bom e vos deleitareis com finos manjares. Inclinaí os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi. (Is 55.1-3)*

No Novo Testamento, Deus nos convida a Si mesmo através de Seu Filho Jesus. Somente Ele pode nos reconciliar com o Pai e trazer paz e satisfação aos nossos corações inquietos. Diante de crentes e não-crentes, Jesus disse: *“Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”* (Jo 6.35).

Em um ponto climático da Festa anual dos Tabernáculos, Jesus se levantou e clamou à multidão de adoradores: *“Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado”* (Jo 7.37-39). Jesus convidou aqueles que estavam sedentos por Deus que viessem a Ele, o Messias, confiando que Nele, sua sede seria saciada. E a esse convite, Ele anexou uma promessa surpreendente.

Quando Ele pronunciou essas palavras, o mundo estava no limiar da nova aliança, que seria estabelecida em questão de dias pelo sacrifício expiatório de Jesus na cruz e Sua ressurreição da sepultura. Esses eventos abriram as portas para *“a promessa de meu Pai”* (Lc 24.49) – o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes. Assim, Jesus promete que os corações sedentos que acolhem Seu convite, que confiam Nele e se comprometem com Ele como Filho de Deus, Messias e Senhor, receberão uma plenitude transbordante do Espírito Santo, que satisfaz a sede de suas almas. Observe que Jesus não prometeu gotas ou pequenos riachos, mas rios de água viva. E que Ele prometeu isso não apenas a alguns poucos, mas a todos que realmente creem nele. Mais tarde, no evangelho de João, Jesus diz que o Espírito literalmente habita em todo crente (Jo 14.17). Isso significa que a vida cristã deve ser uma vida de plenitude e poder diários do Espírito, manifestada na vida e no serviço divinos.

Sendo assim, devemos nos perguntar por que muitos crentes parecem não experimentar a plenitude do Espírito que Jesus prometeu? Vejamos alguns dos principais motivos. Quando somos convertidos e nos tornamos seguidores de Jesus, somos lançados em uma guerra espiritual contra o mundo, a carne e o diabo, que

anteriormente nos escravizavam (Ef 2.1-3). Podemos não perceber que estamos em tal guerra, mas ela é real e continuará ao longo de nossas vidas.

Em primeiro lugar, a frente mais imediata e óbvia nesta batalha envolve os desejos da *carne* (nossa velha natureza decaída). Logo após a conversão, esses desejos tentarão se afirmar. Embora o termo ‘carne’ seja comumente associado a desejos sexuais, na verdade ele assume muitas formas. Estes estão frequentemente ligados a crenças, comportamentos e padrões pecaminosos que se enraizaram em nosso “velho eu” antes de irmos a Cristo. Esses desejos não evaporam na conversão. Embora seu poder de nos controlar seja decisivamente quebrado, e sejamos libertados para obedecer a Deus, a guerra não acabou. Como o apóstolo Paulo explicou aos crentes em Roma: *“sabendo isto: que foi crucificado com ele [Cristo] o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos”* (Rm 6.6). No entanto – e isso é crucial – não experimentamos essa nova liberdade automaticamente. É por isso que Paulo continuou dizendo: *“Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedecais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça”* (Rm 6.12-13).

Claramente, para experimentar a liberdade em Cristo e a vitória sobre o pecado, devemos rejeitar desejos pecaminosos, resistir à tentação e obedecer a Deus. Isso faz parte do que significa submeter-se ao senhorio de Deus e de Cristo (o que não é opcional). Estranhamente, parece que muitas pessoas desconhecem isso e presumem que crescerão melhor com o tempo, sem nenhum esforço específico.

Em segundo lugar, o contexto mais amplo de nossa batalha espiritual é o *mundo*. O mundo sobre o qual estou falando não é a terra que Deus nos deu ou as coisas boas nela. Pelo contrário, é o mundo que se revolta contra Deus e opera como se Deus não existisse. Está ao nosso redor e se manifesta em uma rede intrincada e interconectada de crenças, valores, comportamentos, instituições e a cultura que eles formam. É todo o sistema corrupto que estamos inseridos. Seremos tentados e atraídos a amar as coisas deste mundo caído em que vivemos, o que é um grande desafio para os crentes hoje. Mas este não é um problema novo, e a sabedoria antiga pode nos ajudar. No primeiro século, Paulo exortou os crentes em Roma: *“não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”* (Rm 12.2). O apóstolo João também

advertiu fortemente os crentes sobre os perigos do sistema mundial decaído em que viviam (1Jo 2.15-17).

Ceder aos desejos pecaminosos do mundo caído resulta em amores desordenados, que nos afastam do amor sincero por Deus e nos levam a todo tipo de idolatria. Essas idolatrias corrompem e distorcem nossas vidas e causam um grande prejuízo para nós e nossas famílias.

A terceira grande força em nossa guerra é o *diabo*, a quem Jesus chamou de “o príncipe do mundo” (Jo 14.30) e Paulo descreveu como “o deus deste século” (2Co 4.4). O diabo procura estimular desejos pecaminosos em nossos corações. Seu objetivo é afastar-nos de Deus, prender-nos no pecado e mergulhar-nos na destruição (Ef 6.10-12; 1Pe 5.8-9).

Isso levanta a questão sobre quais desejos pecaminosos, conhecidos ou desconhecidos, representam perigos em nossos corações. Descobrir e lidar com essas vulnerabilidades é crucial para evitar que sejamos aprisionados pelo pecado novamente. Como Provérbios 4.23 diz: “*Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.*” A oração é o ponto de partida; peça a Deus para ajudá-lo a guardar o coração do pecado. O autoexame é igualmente essencial. Podemos orar com Agostinho de Hipona: “*Senhor Jesus, deixe-me conhecer a mim mesmo e conhecê-lo e desejar nada mais que a Ti.*” Pergunte a si mesmo: Quais são os pensamentos que tomam conta da minha mente quando estou livre para pensar o que quiser? Eu experimento fantasias recorrentes? Sobre o que ou quem meus afetos tendem a focar? O que sinto que devo adquirir ou realizar na vida? Existe alguma dessas influências em mim: orgulho, vanglória, inveja, preguiça, avareza, raiva, gula e luxúria? E diante de tudo isso, talvez você se pergunte: como eu posso travar uma batalha espiritual dessa? Diante das minhas fraquezas e a força de minhas tentações pecaminosas, isso parece ser impossível.

Você está correto, é impossível mesmo – a menos que tenhamos ajuda sobrenatural. Isso nos leva de volta à promessa de Jesus de que “rios de água viva” fluirão do coração de todos os que creem Nele. Essa plenitude do Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, é essencial para a vida cristã. Somente pela presença e poder do Espírito que habita em nós é que podemos resistir aos desejos pecaminosos, vencer a tentação e glorificar a Deus.

Para que isso se torne realidade, é essencial render-se sinceramente (e continuar rendendo-se a cada dia) a Deus (Rm 12.1). O fracasso aqui é o que mantém muitos

crentes atolados na derrota espiritual. É impossível ser cheio do Espírito Santo – isto é, o Espírito ter controle total de nossas vidas – se insistimos em manter o controle em nossas mãos. Mas quando nos esvaziamos e nos rendemos, o Espírito nos enche, Deus é glorificado em nossos corações e nossa sede por Jesus é satisfeita. Quando tropeçamos e pecamos, e o faremos com certeza, podemos ser restaurados por meio do arrependimento e da fé em Cristo, abandonando nossos pecados e buscando sermos cheios novamente.

Como o desejo de nosso coração por Deus aumenta? Eu digo “aumentar” porque, como vimos, nosso desejo por Deus deve crescer ao longo do tempo. Embora isso seja obra do Espírito Santo e que leve tempo, temos uma parte essencial a desempenhar. Começa com um desejo, ainda que pequeno, de conhecer mais intimamente e amar mais plenamente Deus e Seu Filho Jesus Cristo. Se não temos isso, devemos pedir a Deus que examine nossos corações e revele o que está impedindo (Sl 139.23-24). Estamos espiritualmente saudáveis? Ou será que nossos desejos estão focados nas coisas deste mundo caído, ou nos desejos da carne, da nossa natureza caída? Ou há algum outro problema? Deus nos mostrará se realmente desejamos nos aproximar dEle ou não, se nossos desejos são egocêntricos ou teocêntricos.

Juntamente com alguma medida de desejo, a meditação bíblica regular sobre o caráter e as obras de Deus é vital. A Bíblia alimenta nossa fome e sede por Deus. É essencial meditar em Jesus – Sua vida, ensino, cruz, ressurreição e ascensão. Como Paulo diz: *“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”* (2Co 3.18). A comunhão regular e a oração também são muito importantes. Finalmente, devemos confiar em Seu amor e fidelidade, pois Ele nunca afasta qualquer coração que o busca sinceramente.

Buscar Deus de maneira íntima e pessoal é essencial, mas devemos sempre ter em mente que isso ocorre no contexto mais amplo da vida da igreja. Devemos aproveitar todos os meios que Deus nos deu para nos ajudar a crescer e amadurecer, especialmente as Escrituras, a oração, a comunhão e o culto em uma comunidade que crê na Bíblia, centrada em Cristo (Atos 2.42). Isso nos coloca em um ambiente saudável para crescermos na graça e cada vez mais ter a Deus como o supremo desejo de nossos corações e servi-Lo no mundo. Isso também nos coloca numa melhor posição para vencer a batalha espiritual contra o mundo, a carne e o diabo. Concluindo, o desejo por Deus e por Cristo, expresso na submissão de todo o nosso coração e na plenitude do

Espírito Santo, nos permite viver como discípulos fiéis de Jesus, que dão muitos frutos e glorificam a Deus na vida cotidiana.

Que Deus nos abençoe e nos ajude a desejá-lo cada dia mais!

**JET (Junta de Educação Teológica)**

Presidente: Rev. Leonardo Sahium

Vice-Presidente: Rev. Augustus Nicodemus

Secretário: Rev. Alfredo Ferreira de Souza

Tesoureiro: Rev. Daniel Alves da Costa

**JURET (Junta Regional de Educação Teológica)**

Presidente: Presb. Romildo Nunes Ferreira

Vice-Presidente: Rev. Eberson Gracino

Secretário: Presb. Uziel Firmino de Assis Junior

Rev. Ailton Goncalves Dias Filho

Rev. Rubens Lima da Silva

## REVISTA TEOLÓGICA

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO SUL

Av. Brasil, nº 1200 - Jd. Guanabara

13073-000 - Campinas - SP

[19] 3241-9399

[www.sps.br](http://www.sps.br)



Seminário Presbiteriano do Sul